



## Corpo e sexualidade. A contribuição de Michel Foucault

**Margareth Rago**

“O natural não é ser homem ou mulher”

**Alexandre Filordi**

A afirmação de sexualidades heréticas a partir de Foucault

**Tânia Navarro**

“Os comportamentos ligados à sexualidade são históricos”

E mais:

>> **Jesús Martín-Barbero:**  
“Caminhamos rumo a uma inteligência coletiva”

>> **Ricardo Bins di Napoli:**  
“A serenidade é a outra face da política”

# Corpo e sexualidade.

## A contribuição de Michel Foucault

O corpo e a sexualidade a partir da perspectiva de Michel Foucault é um dos temas discutidos na edição desta semana da revista IHU On-Line.

A dissolução da identidade é analisada pela historiadora **Margareth Rago**, da Universidade de Campinas (Unicamp). De acordo com ela, o pensamento de Michel Foucault ajuda a compreender a pessoa humana sem catalogá-la através de “etiquetas sexuais”. A também historiadora **Tânia Navarro**, da Universidade de Brasília (UnB), constata que as representações sociais do binarismo sexuado estão longe de desaparecer. O sociólogo **Marcos César Alvarez**, professor da Universidade de São Paulo, discute a sexualidade, o poder político e as técnicas disciplinares. *Do gozo Ubu ao gozo degenerado: a afirmação de sexualidades heréticas a partir de Foucault* é o título do artigo do filósofo **Alexandre Filordi**, escrito especialmente para a IHU On-Line. O também filósofo **Carlos Eduardo Ribeiro** complementa a edição com o artigo inédito *Um ponto de partida das histórias foucaultianas da sexualidade: corpo e individualidade em o Nascimento da Clínica*.

Esta edição é mais um subsídio que prepara o **XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana**, a ser realizado, na Unisinos, de 13 a 16 de setembro de 2010. A programação completa do evento pode ser conferida em <http://migre.me/SOMA>.

O filósofo **Ricardo Napoli**, da Universidade Federal de Santa Maria, examina o legado de Norberto Bobbio, filósofo político italiano, cujo centenário de nascimento foi celebrado recentemente.

Na entrevista “Devoção negra”: os santos e a catequese da Igreja colonial voltada aos negros, o historiador **Anderson José Machado de Oliveira**, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, analisa como a preocupação da Igreja Católica, no período colonial, de cristianizar os negros passou por uma re-elaboração de elementos cristãos para aproximá-los das culturas de matriz africana.

Nesta edição também pode ser lida a entrevista especial com o internacionalmente renomado teórico da comunicação, **Jesus Martín-Barbero**, e que vem construindo uma original Teoria da Comunicação para os tempos de globalização.

Completa a edição o artigo *Sociologia do Espírito, Economia Política da Comunicação e luta epistemológica* de César Bolaño, professor da Universidade Federal de Sergipe (UFS), onde coordena o Observatório da Comunicação (OBSCOM). Bolaño busca “recuperar o pensamento de Celso Furtado para o campo da Economia Política da Comunicação, mais especificamente o seu conceito de Cultura fortemente influenciado pela obra de Karl Mannheim, o célebre autor de Ideologia e Utopia”.

A próxima edição da revista, a última deste semestre, circulará, excepcionalmente, no próximo dia 7 de julho, quarta-feira.

A todas e todos uma ótima semana e uma excelente leitura!

### Expediente

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da Revista IHU On-Line: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (graziela@unisinos.br). Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br) e Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br). Revisão: Vanessa Alves (vanessaam@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do site: Inácio Neutzling, Greyce Vargas (greyceellen@unisinos.br), Rafaela Kley e Cássio de Almeida. IHU On-Line pode ser acessada às segundas-feiras, no site [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: [ihuonline@unisinos.br](mailto:ihuonline@unisinos.br). Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br) - ramal 4121.



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

LEI DE  
INCENTIVO  
À CULTURA



Ministério  
da Cultura



## Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

### A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Tânia Navarro: “Os comportamentos ligados à sexualidade são históricos”

PÁGINA 08 | Margareth Rago: “O natural não é ser homem ou mulher”. A dissolução da identidade

PÁGINA 12 | Alexandre Filordi: Do gozo Ubu ao gozo degenerado: a afirmação de sexualidades heréticas a partir de Foucault

PÁGINA 14 | Marcos César Alvarez: Sexualidade, poder político e técnicas disciplinares

PÁGINA 15 | Carlos Eduardo Ribeiro: Um ponto de partida das histórias foucaultianas da sexualidade: corpo e individualidade em o *Nascimento da Clínica*

### B. Destaques da semana

» Teologia Pública

PÁGINA 19 | Anderson José Machado de Oliveira: “Devoção negra”: os santos e a catequese da Igreja colonial voltada aos negros

» Entrevistas da Semana

PÁGINA 23 | Ricardo Bins di Napoli: “A serenidade é a outra face da política”

PÁGINA 27 | Jesús Martín-Barbero: “Caminhamos rumo a uma inteligência coletiva”

» Coluna do Cepos

PÁGINA 34 | César Bolaño: Sociologia do Espírito, Economia Política da Comunicação e luta epistemológica

» Destaques On-Line

PÁGINA 38 | Destaques On-Line

### C. IHU em Revista

» Eventos

» IHU Repórter

PÁGINA 42 | Gerson Brayer



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# A.

## Tema de Capa

## “Os comportamentos ligados à sexualidade são históricos”

Na opinião da historiadora Tânia Navarro, Foucault promove uma desconstrução da imagem do corpo “essencializado em torno de um sexo definido por um binarismo incontornável”. Mesmo assim, tais representações permanecem

POR MÁRCIA JUNGES

**D**e acordo com a historiadora Tânia Navarro, “Foucault desconstrói a imagem de um corpo essencializado em torno de um sexo e de uma sexualidade definidos por características próprias de um binarismo incontornável, fundado no sexo”. Entretanto, avalia a pesquisadora, “as representações sociais do binarismo sexuado estão longe de desaparecer!” Analisando a questão dos bodes expiatórios em relação aos “desviantes” da norma, Navarro destaca: “Todo ‘diferente’ da norma heterossexual, masculina, branca, pode, em certos momentos, tornar-se um bode expiatório para aplacar e canalizar a eclosão da violência social”. As afirmações podem ser conferidas na íntegra, na entrevista a seguir, concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**, com exclusividade.

Graduada em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Tânia Navarro é mestre em História da América Latina pela Universidade Paris X, Nanterre, na França. cursou Doutorado na Universidade de Paris III, Sorbonne Nouvelle, em Sociedades Latino-Americanas. É pós-doutora pela Universidade de Montreal e pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Feministas da Universidade de Quebec, Canadá. Atualmente, leciona na Universidade de Brasília (UnB), e é autora de *O que é o lesbianismo* (São Paulo: Brasiliense, 2000). É uma das organizadoras de *A construção dos corpos: perspectivas feministas* (Florianópolis: Editora das Mulheres, 2008), *Mulheres em ação: práticas discursivas, práticas políticas* (Florianópolis: Editora das Mulheres, 2005) e *Feminismos, teorias e perspectivas* (Brasília: UNB, 2000). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Qual é o sentido em se falar de sexo feminino e masculino quando já se fala no transgênero?**

**Tânia Navarro** - As representações sociais do binarismo sexuado estão longe de desaparecer! Na distribuição de papéis sociais, apesar das modificações engendradas pelos feminismos, as mulheres continuam a ter funções secundárias, salários menores, tarefas dobradas, prestígio social ligado principalmente a um “destino biológico”, o da maternidade. A heterossexualidade é a norma, e qualquer manifestação fora deste esquema é tratada como desviante, quando não como doença a ser curada.

Os transgêneros apresentam um aspecto paradoxal: por um lado, não quebram o esquema binário, ao contrário, vêm reforçar a representação do humano sexuado em opostos, reivindicando um status de mulher ou ho-

mem, contrário à definição de seu gênero definido pelo sexo biológico. Por outro lado, ao realizar performances, os transgêneros quebram esta imagem do gênero ligado à genitália, pois fica claro que a aparência externa não está necessariamente conjugada ao sexo biológico.

Desta forma, no imaginário social, a representação da dualidade sexuada gerada pelo sexo biológico fica de alguma forma desfeita, pois uma mulher deslumbrante ou um homem viril podem ter, biologicamente, uma definição contrária à sua aparência. Mas estas performances não são suficientes para transformar o sistema binário e hierárquico da heterossexualidade.

**IHU On-Line - Podemos dizer que ainda existe uma moral sexual rígida, mesmo que ganhem força movimentos como o GLBT?**

**Tânia Navarro** - Os comportamentos ligados à sexualidade são históricos, isto é, mutáveis e diversos de acordo com o espaço/tempo em que são contemplados. No sistema heterossexual, existe uma dupla moral, aquela jungida ao feminino, e a outra, liberal e com limites imprecisos, atrelada ao masculino. Às mulheres, a punição material ou o opróbrio social no desvio da norma; aos homens, a condescendência e uma aprovação implícita de derrogação desta última.

Na atualidade, existe uma hiperssexualização que transforma a sexualidade em eixo em torno do qual se desenvolvem as relações sociais. Em meu entender, o GLBT, sigla artificial que aglutina experiências diversas, tem como definidor práticas sexuais e, neste sentido, sua eclosão e visibilidade deve-se a esta profusão de sexualidades, deste clima de sexuali-

zação da vida. Como bem mostra Foucault<sup>1</sup>, a homossexualidade se afirma e se torna visível na proliferação dos discursos sobre o sexo.

**IHU On-Line - Antigamente, os loucos eram os bodes expiatórios da sociedade. Quem tomou seu lugar? Aqueles de sexualidade “desviante”?**

**Tânia Navarro** - Os loucos, na perspectiva foucaultiana, como os homossexuais, são figuras históricas, datadas, que não se definem em si, mas em relação à historicidade na qual aparecem. Na descontinuidade, como afirma este autor, os bodes expiatórios aparecem

1 Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a sua própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (*História da Loucura*, *O Nascimento da Clínica*, *As Palavras e as Coisas*, *A Arqueologia do Saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores como *Vigiar e Punir* e *A História da Sexualidade*. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas deste termo. Para ele, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a “tomada de poder” proposta pelos marxistas. O poder não é considerado como algo que o indivíduo cede a um soberano (concepção contratual jurídico-política), mas sim como uma relação de forças. Ao ser relação, o poder está em todas as partes, uma pessoa está atravessada por relações de poder, não pode ser considerada independente delas. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em duas edições a *IHU On-Line* dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, intitulada *Michael Foucault e as urgências da atualidade*. 20 anos depois, disponível para download em <http://migre.me/vMiS> e a edição 203, de 06-11-2006, disponível em <http://migre.me/vMj7> e intitulada *Michel Foucault, 80 anos*. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento *Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault*, que também foi tema da edição número 13 dos *Cadernos IHU em Formação*, disponível para download em <http://migre.me/vMjd> sob o título *Michel Foucault. Sua contribuição para a educação, a política e a ética*. Confira, também, a entrevista com o filósofo José Ternes, concedida à *IHU On-Line* 325, sob o título *Foucault, a sociedade panóptica e o sujeito histórico*, disponível em <http://migre.me/zASO>. De 13 a 16 de setembro de 2010 aconteceu o XI *Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana*. Para maiores informações, acesse <http://migre.me/JyaH>. (Nota da *IHU On-Line*)

**“Os transgêneros apresentam um aspecto paradoxal: por um lado, não quebram o esquema binário, ao contrário, vêm reforçar a representação do humano sexuado em opostos, reivindicando um status de mulher ou homem, contrário à definição de seu gênero definido pelo sexo biológico”**

também historicamente, como uma alteridade absoluta ligada ao mal, à perversão, à desordem no social. Assim tivemos e ainda temos a perseguição e a violência contra as mulheres (por serem mulheres, o outro da referência masculina), os/as judeus/judias, o/a imigrante, o/a estrangeiro/a, os/as deformados/as, os/as aidéticos/as, os homossexuais (mulheres e homens). Todo “diferente” da norma heterossexual, masculina, branca, pode, em certos momentos, tornar-se um bode expiatório para aplacar e canalizar a eclosão da violência social.

**IHU On-Line - Em que aspectos a filosofia de Foucault inspira um novo pensar sobre o corpo e a sexualidade?**

**Tânia Navarro** - Foucault desconstrói a imagem de um corpo essencializado em torno de um sexo e de uma sexualidade definidas por características próprias de um binarismo incontornável, fundado no sexo. Sua *História de sexualidade* (12ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997), publicada nos anos 1970, mostra a construção histórica desta sexualida-

de que passou a ser o centro, o eixo e a essência do humano. Nicole Claude Mathieu<sup>2</sup>, feminista francesa, nos anos 1980, propõe a análise da “produção da diferença dos sexos” e, neste sentido, funde-se à perspectiva foucaultiana, pensando a construção social e histórica das definições corpóreas e das sexualidades. Mais recentemente, Judith Butler<sup>3</sup> afirma a construção do sexo biológico pelas práticas de gênero, ou seja, a partilha e os limites das “diferenças de sexo” estabelecidas no social.

**IHU On-Line - Nesse sentido, poderia apontar algumas apropriações que já aconteceram da obra foucaultiana para se repensar a sexualidade e suas ligações com o poder?**

**Tânia Navarro** - Foram muitas, em diferentes disciplinas, das ciências ditas exatas às sociais e humanas. Interessa-me apontar aqui não exatamente apropriações ou influências, contrárias ao pensamento de Foucault, pois este se atém às problemáticas de cada momento, com sua noção de descontinuidade.

Neste sentido e enquanto feminista, as reflexões de Monique Wittig<sup>4</sup>, Adrienne Rich<sup>5</sup>, nos anos 1980, e de Catherine Vidal<sup>6</sup>, assim como Emily Martin<sup>7</sup>, na atualidade, parecem-me

2 Nicole-Claude Mathieu: antropóloga francesa, conhecida por seus trabalhos sobre gênero. (Nota da *IHU On-Line*)

3 Judith Butler: filósofa americana pós-estruturalista, que tem contribuído há muitos anos para os estudos do feminismo, da teoria queer, da filosofia política e da ética. É professora no Departamento de Retórica e Literatura Comparativa da Universidade da Califórnia, em Berkeley. Butler concedeu entrevista exclusiva à edição 199 da *IHU On-Line*, de 09-10-2006, disponível para download em <http://migre.me/SMSL> e intitulada *O gênero é uma instituição social mutável e histórica*. (Nota da *IHU On-Line*)

4 Monique Wittig (1935-2003): escritora e teórica do feminismo francesa particularmente interessada em superar a noção de gênero e o contrato heterossexual. Publicou seu primeiro romance, *L'opoponax*, em 1964. Seu segundo romance, *Les Guérillères* (1969), foi considerado um marco no feminismo lésbico. (Nota da *IHU On-Line*)

5 Adrienne Rich (1929): feminista, poeta, professora e escritora estadunidense. (Nota da *IHU On-Line*)

6 Catherine Vidal: neurobióloga, cientista do CNRS da França. (Nota da *IHU On-Line*)

7 Emily Martin (1944): antropóloga e feminista, professora da Universidade de Nova Iorque. (Nota da *IHU On-Line*)

contundentes. Sem esquecer que, no fim dos anos 1940, Simone de Beauvoir<sup>8</sup> perguntava “o que é uma mulher?”, iniciando o questionamento sobre o sexo social, ou seja, sobre a injunção das formas corporais na partilha do poder nas relações humanas. Assim como Foucault, associam o exercício do poder aos discursos sobre o corpo e a sexualidade, que estabelecem hierarquias no campo social, com a ênfase dada ao masculino.

Monique Wittig, feminista francesa, e Adrienne Rich, americana, desenvolvem noções que instalam o poder masculino nas definições corpóreas e nas práticas sexuais. Para Wittig, a heterossexualidade, que chama de “pensée straight” é um sistema que funda o poder masculino no social, estabelecendo, nos corpos femininos, os limites de sua importância social. Papel secundário, e destino: a procriação. Rich denomina este sistema de “heterossexualidade compulsória”, na medida em que as representações sociais e as normas comportamentais instituem um feminino já pré-definido por sua função materna, dele retirando as “características masculinas” da criação, invenção, raciocínio lógico, transcendência, transformação.

Emily Martin analisa os discursos médicos e representacionais sobre o feminino e suas funções corpóreas, sempre ligados à produção do humano, à menstruação como falha de uma possível gravidez, à menopausa como a exclusão das mulheres que não se encontrariam mais no mercado do sexo e da procriação.

Catherine Vidal, cientista do CNRS da França, desmistifica a biologização das características sexuais, trabalhando a fisiologia cerebral e a “diferença dos sexos”. De fato, estas análises convergem e remetem, com Foucault, o exercício do poder às delimitações se-

<sup>8</sup> Simone de Beauvoir (1908-1986): escritora, filósofa existencialista e feminista francesa. Ligou-se pessoal e intelectualmente ao filósofo francês Jean-Paul Sartre. Entre seus ensaios críticos cabe destacar *O Segundo Sexo* (1949), uma profunda análise sobre o papel das mulheres na sociedade; *A velhice* (1970), sobre o processo de envelhecimento, onde teceu críticas apaixonadas sobre a atitude da sociedade para com os anciãos; e *A cerimônia do adeus* (1981), onde evocou a figura de seu companheiro de tantos anos, Sartre. (Nota da IHU On-Line)

**“Não é de se espantar que religiosos e seus asseclas lutem pela criminalização do aborto, pois a liberdade de escolher entre ter filhos, ou não, é uma desordem no sistema da heterossexualidade compulsória, que estabelece papéis bem definidos: para as mulheres, a procriação e o cuidado dos filhos; para os homens, todo o resto”**

xuais, criadas pelo social, construídas em hierarquias e em “verdades”, afirmadas pelos discursos de poder masculino, desde a ciência até a religião.

**IHU On-Line - Como podemos compreender os impactos da pílula anti-concepcional na liberação sexual das mulheres e, por outro lado, no jugo a que são submetidas sua libido e sua autonomia sobre o corpo em função dos efeitos colaterais desse medicamento?**

**Tânia Navarro** - A pílula não foi apenas uma liberação sexual, foi uma liberação simbólica e material do corpo das mulheres obrigado à procriação, pelas injunções dos homens e de Deus (criado à sua imagem e semelhança). A contracepção é “um negócio de mulheres”, se não querem ter filhos, devem sofrer as consequências da obrigação quotidiana, dos efeitos colaterais. Entretanto, é uma liberação, pois, até pouco tempo atrás, a contra-

cepção também era crime. Não é de se espantar que religiosos e seus asseclas lutem pela criminalização do aborto, pois a liberdade de escolher entre ter filhos, ou não, é uma desordem no sistema da heterossexualidade compulsória, que estabelece papéis bem definidos: para as mulheres, a procriação e o cuidado dos filhos; para os homens, todo o resto.

De toda forma, a liberação da pílula trouxe às mulheres uma sexualidade calcada sobre a dos homens: o orgasmo tópico, a performance, a quantidade de parceiros e não a qualidade da relação e a exploração do corpo e do prazer. E isto apenas para aquelas que escaparem à sexualidade como injunção masculina, na violência doméstica, na prostituição, na submissão às normas religiosas de predominância e “necessidade” masculinas. Sem falar, em termos mundiais, da sujeição, venda e tráfico de meninas e mulheres, dos casamentos arranjados de crianças com velhos, das mutilações sexuais, todas práticas de poder do masculino sobre o feminino, fundamento das relações sociais, sistema, como apontam as feministas, de exercício do patriarcado.

#### LEIA MAIS...

A revista IHU On-Line já publicou outras edições sobre Michel Foucault e a respeito de temáticas ligadas à sexualidade:

- \* *Michel Foucault. 80 anos*, número 203, de 06-11-2006, disponível em <http://migre.me/SOcf>;
- \* *Michel Foucault e as urgências da atualidade*. 20 anos depois, número 119, de 18-10-2004, disponível em <http://migre.me/SOdD>;
- \* *Pornografia. Um debate*, número 173, de 27-03-2006, disponível em <http://migre.me/SOg1>;
- \* *Os desafios da diversidade sexual*, número 199, de 09-10-2006, disponível em <http://migre.me/SOhc>;
- \* *Uma sociedade de mulheres?*, número 210, de 05-03-2007, disponível em <http://migre.me/SOhY>;
- \* *Frida Kahlo - 1907-2007. Um olhar de teólogas e teólogos*, número 227, de 09-07-2007, disponível em <http://migre.me/SOjn>;
- \* *Mulheres e a sociedade contemporânea. Conquistas e desafios*, número 249, de 03-03-2008, disponível em <http://migre.me/SOKB>;
- \* *Unões homoafetivas. A luta pela cidadania civil e religiosa*, número 253, de 07-04-2008, disponível em <http://migre.me/SOLA>;
- \* *A pílula. 50 anos depois*, número 332, de 07-06-2010, disponível em <http://migre.me/SOnc>.

## “O natural não é ser homem ou mulher”.

### A dissolução da identidade

Para a historiadora Margareth Rago, o pensamento do filósofo francês pode nos ajudar a compreender as pessoas sem catalogá-las através de “etiquetas sexuais”. Afinal de contas, não se nasce homem ou mulher, afirma

POR MÁRCIA JUNGES

**M**ais do que deixar de lado a identidade, e dividir a população pura e simplesmente entre homens e mulheres, Michel Foucault e o movimento queer nos inspiram a dissolvê-la, a conviver com o incerto, o inclassificável e o inominável. “É muita falta de criatividade de nossa parte ficar catalogando, classificando as pessoas”, alfineta a historiadora Margareth Rago, na entrevista que concedeu, por telefone, à **IHU On-Line**. Além disso, continua, essa necessidade de rótulos revela “uma tremenda insegurança”, que só reitera a exclusão, o estigma, o sexismo, o racismo e o ódio. É por isso que o transgênero assusta tanto, avalia Rago. “Ele foge às etiquetas com as quais estávamos acostumados a distribuir e identificar as pessoas. O natural não é ser homem ou mulher”.

As conquistas e desafios do feminismo são outro tema debatido na entrevista. Para Rago, vivemos profundas transformações nas relações de gênero, mas ainda há muito em que progredir. A violência de gênero, por exemplo, não diminuiu, mas ganhou visibilidade na mídia. Por outro lado, homossexuais e mulheres deixaram de ser tão estigmatizados e já têm espaços conquistados e garantidos a cada dia. Aquele pensamento de que a mulher era um ser inferior, impedido de certas profissões e marcado por comportamentos muito mais emocionais do que racionais ruiu há tempo, garante Rago. Já os homossexuais, tidos como anormais e patológicos no passado, hoje têm mais espaço e respeito na sociedade.

Graduada em História pela Universidade de São Paulo (USP), Margareth Rago é mestre e doutora em História pela Universidade de Campinas (Unicamp) com a tese *Os Prazeres da Noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930* (2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008). É pós-doutora e livre-docente pela Unicamp, onde é professora. Entre outros, é autora de *Foucault: para uma vida não fascista* (Belo Horizonte: Autêntica, 2009), *Feminismo e anarquismo no Brasil. A audácia de sonhar* (Rio de Janeiro: Achiamé, 2007) e *Do Cabaré ao Lar. A utopia da cidade disciplinar* (3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997). Em 16 de junho, apresentou a conferência *Michel Foucault e a escrita de si nos feminismos contemporâneos, dentro da programação do Seminário Michel Foucault - Corpo, sexualidade e direito*, promovido pela UNESP/Marília. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - O universo masculino e a sociedade patriarcal estão em crise? Por quê?**

**Margareth Rago** - Estamos vivendo profundas transformações nas relações de gênero. A entrada das mulheres no mercado de trabalho e na esfera pública, nos últimos 40 anos, foi massiva, e certamente elas chegam com seus valores, modos, interpretações e maneira de pensar que são diferentes dos masculinos. Isso produz grandes transforma-

ções. Assim, os homens se deram conta de que as mulheres não são o que eles pensavam que elas eram. Eles começam a se dar conta que a sexualidade feminina é diferente do que eles imaginavam, porque eles têm noções construídas por médicos, intelectuais e cientistas homens que definiram uma identidade da mulher que não confere com a forma como elas se entendem.

**IHU On-Line - Mas o que os homens**

**pensam que somos?**

**Margareth Rago** - Hoje acredito que a maioria dos homens não tem mais aquelas ideias antigas, tradicionais. Eles pensavam que as mulheres eram inferiores, que deveriam ficar em casa, que eram muito mais emocionais do que racionais, que não tinham condições de enfrentar certos desafios. Os homens pensavam, por exemplo, que engenharia não era um curso para mulheres. Havia todas essas definições que demarcavam o mas-

culino do feminino em termos de público e privado. Essa construção muito forte, do século XIX até o final dos anos 1960, rompeu-se, explodiu. Estamos vivendo muitas transformações na mentalidade, na maneira de perceber uns aos outros. Isso vale não apenas para as mulheres, mas também para os homossexuais.

**IHU On-Line - E quanto aos homossexuais e mulheres, quais são as mudanças mais significativas que estão ocorrendo em seu cotidiano?**

**Margareth Rago** - A mudança em relação aos homossexuais também é muito forte. Uma das grandes maravilhas do mundo democrático é a possibilidade de as pessoas poderem falar, aparecer, darem sua opinião. Com isso, as imagens que se tinha sobre elas são abaladas. Os homossexuais eram absolutamente estigmatizados, excluídos da esfera pública. Há 40 ou 50 anos, um homossexual era visto como uma figura anormal, patológica, com problemas e dificuldades, que não tinha conseguido se realizar como um verdadeiro homem. Eram noções muito autoritárias, excludentes e nocivas. À medida que os homossexuais começaram a “sair do armário”, a ter voz pública, a sociedade percebeu que eles são pessoas como quaisquer outras. Começaram a ser questionadas as noções de homo e heterossexualidade, compreendendo que esta é compulsória, que ninguém é naturalmente heterossexual, e que isso é uma construção social. Há intelectuais brilhantes dizendo isso, tanto de orientação homo como heterossexual. Isso abalou o regime de verdades instituído, abrindo espaço para se manifestarem da mesma maneira que qualquer outra pessoa. Isso foi uma conquista do movimento gay, assim como as mulheres tiveram suas conquistas com o movimento feminista, o que não quer dizer que os problemas estão todos resolvidos.

**IHU On-Line - As mulheres e os homossexuais estão hoje mais empoderados na escrita de si mesmos? Por quê?**

**Margareth Rago** - Precisamos definir o que entendemos por “escrita de si”. Quando Foucault está falando em “escrita de si”, trata-se de uma prática da liberdade em que o sujeito se constitui ativamente, mas também de uma chave analítica que ele nos oferece para pen-

**“Estamos habituados a pensar pela categoria da identidade, e por isso ficamos perdidos quando aparece alguém que foge aos parâmetros”**

sarmos certos tipos de produção subjetiva, como pode ocorrer com as correspondências que uma pessoa troca com outra. Isso vale para diários e autobiografias, mas não necessariamente. Ele diz que, nas cartas, as pessoas se revelam muito mais do que elas pensam. Se pensarmos na escrita de si nesses termos, ela não tem a ver com empoderamento. Se estamos falando de autobiografias, de que as mulheres e os homossexuais estão se mostrando, nos dois casos, isso não tem a ver com poder, penso eu, mas com a possibilidade de construção ativa de si, e não reiteração de discursos normativos. Uma mulher que foi presa política, por exemplo, pode escrever um livro autobiográfico, sobretudo, como uma forma de denúncia, mais do que como autoconstituição subjetiva. Seu objetivo de denunciar violências e atrocidades vividas é muito mais forte, então, do que reler o seu passado e harmonizar-se consigo mesma. É outro o objetivo da autobiografia que a Gabriela Leite<sup>1</sup>, líder do movimento das prostitutas, escreveu, chamada *Eu, mulher da vida* (Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992). Logo no início do livro, ela diz que a obra é um presente da Gabriela para a Otília, porque antes de se tornar Gabriela, ela foi batizada como Otília. Um dia, ela decidiu ser prostituta e se chamar Gabriela. Nesse caso, a autobiografia tem a função de reconciliar essas duas dimensões de si mesma, e de integrar-se. Ela está revedo seu passado, acertando as con-

<sup>1</sup> Gabriela Leite: ex-prostituta, fundadora da grife Daspu ([www.daspu.com.br](http://www.daspu.com.br)) e da ONG Davida, que luta pelos direitos das prostitutas. Escreveu *Eu, mulher da vida* (Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992) e *Filha, mãe, avó e puta* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2009). No início dos anos 70, Gabriela Leite estudava Filosofia na USP, curso para o qual havia passado em segundo lugar. Ex-aluna dos melhores colégios paulistanos, tinha um emprego de secretária e morava com a mãe. (Nota da IHU On-Line)

tas consigo mesma. Assim, eu não diria que a escrita de si e a narrativa autobiográfica têm a ver com poder. Não necessariamente. Se você disser que a nossa sociedade, o mundo mais aberto e democrático facilita que as mulheres e os homossexuais narrem suas vidas, isso com certeza é verdade e pode ser bastante positivo. O que observarmos é que os homens têm muito mais registros autobiográficos do que as mulheres. Na história, por exemplo, em relação ao período da ditadura militar brasileira, você encontra várias autobiografias masculinas, como a de Flávio Tavares<sup>2</sup> e do Gabeira<sup>3</sup>. Mas, quando procuramos registros das mulheres, é mais difícil de encontrar.

**IHU On-Line - Nesse sentido, qual é a colaboração de Michel Foucault na escrita que as mulheres fazem de si próprias?**

**Margareth Rago** - Foucault pode ser apropriado pelo feminismo para dar-lhes mais clareza sobre seus movimentos,

<sup>2</sup> Flávio Tavares: jornalista e advogado gaúcho. Na década de 1950, foi dirigente estudantil no Rio Grande do Sul. Integrou o grupo fundador da Universidade de Brasília, da qual é professor aposentado. De 1960 a 1968, foi comentarista político da *Última Hora* do Rio e de São Paulo. Preso e banido do País, foi redator do jornal *Excelsior*, do México, e logo seu correspondente latino-americano, com sede em Buenos Aires, acumulando na América Latina e Europa as funções de correspondente internacional de *O Estado de S. Paulo*, do qual foi, também, editorialista político nos anos 1980. Confira as entrevistas *Governo Yeda e os jovens procuradores*, concedida por Tavares às *Notícias do Dia* do site IHU On-Line, disponível em <http://migre.me/SNV1>, e “*Jango era um conservador reformista*”, publicada em 20-12-2006, disponível em <http://migre.me/SNWN>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> Fernando Paulo Nagle Gabeira (1941): escritor, jornalista e político brasileiro. É conhecido pela sua atuação no Partido Verde (do qual é membro-fundador), defendendo posições em questões consideradas como tabus na cultura política brasileira (como a profissionalização da prostituição, casamento homossexual e a descriminalização da maconha). Como esquerdista histórico, esteve em diversas vezes alternando-se como membro do PV e o PT. É também conhecido por ter participado da luta armada contra o Regime Militar de 1964. Juntamente com o MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de Outubro), que tentava instaurar o comunismo no Brasil, participou do sequestro do embaixador norte-americano Charles Elbrick às vésperas do 7 de setembro de 1969, episódio registrado em seu livro *O Que É Isso, Companheiro?*, de 1979. Esteve exilado entre 1970 e 1979. Após 1985, apoia a causa dos direitos das minorias e do meio-ambiente. (Nota da IHU On-Line)

processos sociais e dimensões subjetivas. Por exemplo, quando o movimento feminista utiliza a noção de poder de Foucault, - do poder como relacional, do poder como rede de relações que nos constituem - se torna muito mais fácil entendermos a dominação de gênero. O poder visto como relacional, microscópico, molecular, cria condições para entendermos melhor como vivemos. Quando Foucault mostra que a confissão é uma forma de dominação, essa é outra colaboração que ele traz. Existe um mito de que a verdade sobre nós mesmos reside em nosso âmago, e que precisamos do olhar de um outro superior para acessar a nossa própria verdade. Esse outro pode ser um padre ou o psiquiatra, psicanalista. É como se nós, sozinhos conosco, não conseguíssemos nos acessar. Precisamos da mediação do olhar do outro. Foucault mostra que isso é uma construção, uma imaginação nociva, porque nesse processo está acontecendo uma forma de sujeição. Você está se olhando pelo olhar do outro, e não por seu próprio olhar, e submetendo-se ao que o outro compreende como certo e errado. Para Foucault, isso é uma forma de dominação. Esclarecendo esses pontos, esse pensador nos mostra como podemos nos libertar. Antes de Foucault, eu não tinha ouvido ninguém teorizar sobre as relações de poder que existem na relação confessional, nem atentar tão fortemente para a maneira pela qual esse tipo de relação se espalhou para fora da confissão religiosa. Costumamos nos “confessar” o tempo todo: fazemos provas, exames, temos que dar satisfação sobre o que fizemos, e com quem, onde estávamos. Isso acontece no trabalho, na escola, na família. Na sociedade em que vivemos, que é de controle e vigilância contínuos, estamos nos confessando 24 horas por dia. O que é esse confessar? É se penalizar, se culpabilizar, porque iremos nos olhar com o olhar do outro, que nos enxerga negativamente e tem um padrão de moralidade que pode ser o nosso, ou não.

**IHU On-Line - Estaria aí a explicação para essa necessidade que as pessoas têm de se exporem na Internet, por exemplo, através de sites de relacionamento e, agora, o Twitter, relatando o tempo todo o que estão**

## “Não se quer mais afirmar a identidade, mas sair dela, dissolvê-la”

**fazendo?**

**Margareth Rago** - Pode ser. Há uma discussão grande sobre essa nova forma de “intimidade pública”, que é realmente um paradoxo. Por que se tem essa necessidade tão forte de expor o próprio “eu”? Por que é preciso aparecer em blogs, sites de relacionamento, muitas vezes, em situações bastante íntimas, até sem roupa? Isso é, de certa forma, carência e solidão. Se você precisa se expor de qualquer jeito a qualquer custo, é porque sente que não está sendo visto. Essa carência e solidão estão associadas ao estímulo da sociedade ao narcisismo, a uma relação consigo mesmo que não é aquela que Foucault fala quando menciona a escrita de si. Nesse caso, ele não quer dizer uma relação consigo, que é como entrar numa bolha. Seria algo do tipo das artes da existência desenvolvidas no mundo greco-romano, que têm múltiplas práticas de si, mas que são, ao mesmo tempo, relações com o outro. A relação de si passa pela relação com o outro. A carta é um instrumento no qual falamos sobre nós mesmos, mas para nos comunicarmos com outra pessoa.

**IHU On-Line - Quais são os principais desafios que permanecem para o feminismo em termos globais?**

**Margareth Rago** - A violência contra as mulheres continua um problema grande. É impressionante a quantidade de crimes passionais e sexuais que existem e persistem. Isso é uma questão que ainda deve ser trabalhada, discutida e denunciada. A violência de gênero, em geral, não diminuiu. A diferença é que ela está sendo veiculada pela mídia e ganha espaço para discussão pública. Antigamente, isso não existia - mulheres eram assassinadas, e não se dizia uma palavra a respeito. Outro impasse que permanece para o feminismo é a questão do aborto. São os homens que decidem se a mulher deve, ou não, fazer um aborto. A mu-

lher é quem deveria decidir sobre o seu corpo, e ter acesso a práticas que não a fizessem se sentir uma criminosa. E há a velha desigualdade salarial, que, paradoxalmente, ainda existe. Muitos homens continuam machistas, mas muitas mulheres também o são. Essas mudanças de mentalidade são lentas. Nos últimos 40 anos, muita coisa mudou, mas ainda há um longo caminho pela frente. As mudanças não estão consolidadas, pelo contrário, são constantemente ameaçadas. Precisamos fazer um trabalho de educação e formação das novas gerações com uma outra mentalidade.

Vale, ainda, destacar a luta das mulheres negras. É importante conhecer mais a história do feminismo negro. Tenho estudado esse tema no caso norte-americano e fico surpresa com a quantidade de grupos de feministas negras que surgiram no século XIX. No Brasil, isso não acontece, e nem se fala nesse assunto. Deveríamos falar mais sobre as mulheres negras, e pesquisar mais sobre elas. É um setor altamente oprimido da sociedade, sobretudo se forem pobres.

**IHU On-Line - A barreira da sexualidade como sinônimo de reprodução foi abolida com o advento da pílula anticoncepcional. Por outro lado, algumas pessoas ainda esperam um “comportamento adequado” das mulheres em termos sexuais. Como as mulheres têm rompido essa equação e escrito uma outra história da sexualidade?**

**Margareth Rago** - Essa “expectativa” quanto à sexualidade das mulheres mudou bastante. Em São Paulo, por exemplo, a maioria das jovens que conheço não vê o casamento como a principal opção em suas vidas. O investimento na educação e no trabalho é enorme. As mulheres estão mais voltadas para se formar, estudar e terem condições econômicas melhores. Dificilmente as jovens desconhecem experiências sexuais antes do casamento. Uma moça de 18, 20 anos tem uma compreensão diferente a respeito de virgindade do que foi há 40 anos. Além disso, há mais acesso à informação e métodos contraceptivos. Antes, as famílias não falavam com os filhos sobre menstruação, relações sexuais. Havia um obscurantismo

enorme. Apesar de existir muitas pessoas conservadoras, o nível de informação que temos sobre o corpo e a sexualidade de homens, mulheres, gays, lésbicas, é muito grande. Isso altera muito a relação com a sexualidade.

### **IHU On-Line - Qual é o papel das mulheres na escrita de uma sexualidade mais plural, fora da estigmatização e da normatização?**

**Margareth Rago** - O papel das mulheres seria ajudar a formar e conscientizar as gerações futuras. É esclarecer sobre a sexualidade, mudando elas mesmas a noção de que ter prazer é pecado. Que coisa mais absurda achar que estamos no mundo para sofrer, para carregar peso. Isso é uma concepção de morte, e não de vida. As mulheres, nesse sentido, têm um papel muito importante a cumprir, porque os homens não pensam muito sobre a sexualidade e a subjetividade. Isso é visível. São as mulheres que se incumbem muito mais de pensar essas questões. Por isso é que a educação sexual é tão necessária.

Precisamos desmistificar muitas coisas, a exemplo da concepção de Freud sobre o orgasmo vaginal. Ele dizia que o orgasmo clitoridiano significava que aquela moça que o tinha era imatura, e não tinha conseguido se tornar uma mulher normal. Essas noções precisam ser compreendidas como parte de um passado que já foi superado. Isso não vale mais. Ter prazer não faz mal. É gostoso ter prazer sexual, comer bem, viver bem, beber bem. Estamos na vida para usufruí-la, para construí-la de forma positiva, para que todos tenham acesso aos bens, cultura, e não para sofrer. É por isso que as mulheres têm muita importância na mudança do imaginário social. Isso significa, também, a criação de novas políticas públicas.

### **IHU On-Line - Qual é o sentido em se falar em gênero masculino e feminino quando se discute o transgênero?**

**Margareth Rago** - É ótimo que se discuta o transgênero, o que tem sido feito pela teoria queer<sup>4</sup>. Não se quer

<sup>4</sup> Teoria Queer: desenvolvida nos anos 1980, nos Estados Unidos, com a publicação do livro *Gender Trouble*, de Judith Butler, possui um alto grau de influência do filósofo francês Michael Foucault e suas ideias sobre a sexualidade. A palavra queer, em inglês, é uma gíria

mais afirmar a identidade, mas sair dela, dissolvê-la. Para que precisamos catalogar a população dividindo-a em metade de homossexuais e a outra metade de heterossexuais, por exemplo? Isso só serve para excluir, criar relações raciais, sexistas, de poder. A teoria queer e os filósofos pós-estruturalistas nos convidam a dissolver as identidades, que não são nada naturais. O transgênero assusta tanto porque foge às etiquetas com as quais estávamos acostumados a catalogar as pessoas. O natural não é ser mulher ou homem. É muita falta de criatividade de nossa parte classificar as pessoas. Além disso, é uma tremenda insegurança, porque precisamos domesticar o outro, senão ficamos inseguros, já que não sabemos se aquela pessoa é homem ou mulher. Estamos habituados a pensar pela categoria da identidade, e por isso ficamos perdidos quando aparece alguém que foge aos parâmetros. Essa categoria de identidade, na verdade, nos trouxe muito mais problemas do que benefícios: criou exclusões, preconceitos, estigma, ódios e rancores. Acabar com as identidades diminuiria o ódio no mundo. É uma barreira a menos para “des-hierarquizar” o mundo. As sexualidades plurais colocam por terra essas hierarquias estabelecidas e tradicionais. Outra questão que levanto é por que a identidade tem de ser estabelecida a partir da sexualidade? Por que nos preocupamos tanto em relação à sexualidade? Os gregos, por exemplo, preocupavam-se muito mais com a alimentação do que com o sexo.

usada para a referência a homossexuais. Sobre a teoria queer, confira a edição nº 32 dos *Cadernos IHU Ideias*, intitulada *À meia luz: a emergência de uma teologia gay. Seus dilemas e possibilidades*, escrita por André Sidnei Muszkopf, disponível para download em <http://migre.me/SNuA>. Muszkopf também apresentou o evento IHU Ideias, em 11-09-2008, debatido na entrevista *Via(da)gens teológicas. Itinerários de uma teologia queer no Brasil*. Sobre o assunto, confira uma entrevista com ele em <http://migre.me/SNvW>. Na edição 227, de 09-07-2007, intitulada *Frida Kahlo - 1907-2007. Um olhar de teólogas e teólogos*, o pesquisador concedeu a entrevista *Transgressão, impropriedade, mistura, desconstrução e reconstrução*, que também aborda aspectos da teoria queer: <http://migre.me/SNy0>. (Nota da IHU On-Line)

[http://twitter.com/\\_ihu](http://twitter.com/_ihu)

# Do gozo Ubu ao gozo degenerado: a afirmação de sexualidades heréticas a partir de Foucault

POR ALEXANDRE FILORDI

“**P**ara Foucault, os corpos são sucessivamente investidos por essas relações de poder ubuescas. Nelas, os corpos são trabalhados intensamente desde as mais banais ações que passam a ser vistas como ‘normais’”. A afirmação é do filósofo Alexandre Filordi, no artigo que escreveu especialmente para a IHU On-Line. De acordo com ele, “não é sem sentido, então, que Foucault concebe a sexualidade como uma das funções mais bem fabricadas a partir do corpo, portanto, intensamente controladas, cuja função deve ser irremediavelmente normal”. Ele continua: “o gozo Ubu diz respeito à redução das sexualidades singulares ao prazer conectado a um centro dominante de práticas e de sentidos”.

Graduado em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul - SPS, em Campinas, e em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Filordi é especialista em Psicoterapia Familiar e de Casal pelo Centro de Formação e Assistência à Saúde - CEFAS e um dos integrantes do Grupo de Estudos Nietzsche (GEN), ligado ao Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo - USP. Kursou mestrado em Filosofia pela USP e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp com a tese *Da sujeição às experiências de si na função educador: aproximações foucaultianas*. Docente da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, é autor de *Foucault e a função-educador: sujeição e experiências de subjetividades ativas na formação humana* (Ijuí: Unijuí, 2010), além de possuir publicações em revistas especializadas e capítulos em livros organizados com temáticas foucaultianas. Confira o artigo.

O dramaturgo francês Alfred Jarry<sup>1</sup> (1873-1907) redigiu uma peça de teatro denominada de *Ubu Rei*. Protagonizada pelo *Pai Ubu*, um rei golpista que reverte o trono a seu favor à custa de desmesurada e banal ganância, a peça, dividida em cinco atos, acentua o caráter comicamente cruel, cínico e covarde ao extremo daquele rei. Com o único intuito de forjar fortuna, o *Pai Ubu* tem em mente e em prática um sistema perverso de confisco dos pertences de seus “súditos” cuja finalidade é simples: “*Com este sistema, eu irei fazer rapidamente fortuna, então eu matarei todo mundo e partirei*”. O caráter eminentemente desastroso exercido por uma soberania grotes-

ca, produzida pela desqualificação de seu regente, mas autorizada por seu estatuto, permitiu que *Ubu* se transformasse em adjetivo dicionarizado. O *ubuesco*, neste caso, passou a se referir ao absurdo, ao grotesco, ao cínico e ao caricatural.

Foucault, em suas aulas de 8 e de 15 de janeiro de 1975 do curso *Os anormais*, ministrado no *Collège de France*, convoca *Ubu Rei*. A sua intenção é a de evidenciar como os aparatos normativos que são produzidos coextensivamente pelas relações de poder são mantidos no tecido social às custas do grotesco. O odioso, o infame e o ridículo são expressões que comportam o aparato ubuesco do poder incontornável que nos toca no cotidiano. Poder “abjeto, infame, ubuesco ou simplesmente ridículo”, porém inevitável, que faz circular as regras de sua racionalidade violenta, “mesmo quando está nas mãos de alguém efetivamente desqualificado”, para normalizar o seu

próprio funcionamento. É neste sentido que nos deparamos, sempre segundo Foucault, com o Ubu burocrata, o Ubu médico, o Ubu psiquiátrico-penal, enfim, representantes das relações de poder banalizadas e diagnosticadas, sobretudo, nos discursos que são, de modo concomitantes, estatutários e desqualificados, e por isso mesmo ridículos.

Para Foucault, os corpos são sucessivamente investidos por essas relações de poder ubuescas. Nelas, os corpos são trabalhados intensamente desde as mais banais ações que passam a ser vistas como “normais”, já que são cotidianas, a ponto de impregná-las com finalidades que são interpostas a cada um, à revelia de suas vontades próprias. É por isto que este poder disciplina, regula, normaliza tudo que diz respeito ao corpo, aliás, o corpo e tudo o que a ele diz respeito não passaria de uma massa bruta se não fosse por ele fabricado. Este poder “fabrica

<sup>1</sup> Alfred Jarry (1873-1907): poeta, romancista e dramaturgo francês. Entre 1885 e 1888 ele compõe comédias em verso e em prosa. Inspirado no sr. Hébert, seu professor de física e a encarnação de “todo o grotesco que existe no mundo”, Jarry escreve uma comédia, *Les Polonais*, a versão mais antiga do Ubu rei. Em 10 de dezembro de 1896 ocorre a tumultuada estreia de Ubu rei. (Nota da IHU On-Line)

corpos sujeitados, vincula exatamente a função-sujeito ao corpo”, argumenta Foucault em *O poder psiquiátrico* (2006, p.69).

Não é sem sentido, então, que Foucault concebe a sexualidade como uma das funções mais bem fabricadas a partir do corpo, portanto, intensamente controladas, cuja função deve ser irremediavelmente normal. Desde cedo, no Ocidente, a imaginação e o prazer atinentes ao gozo sexual foram objetos de regulações desastrosas. Com efeito, na virada do século XIX para o XX, “o prazer não ordenado à sexualidade normal” passou a ser suscetível a toda série de psiquiatrização, ou seja, o prazer passou a ser um “objeto psiquiátrico ou psiquiatrizável”, pois não podia descarrilar da sexualidade normal (Cf. FOUCAULT, 2001). Desde então, o gozo deve ser normal e ele torna-se ubuesco. Mas como assim?

Colocado no âmbito da significação dominante, o gozo ubuesco representa a sexualidade instrumentalizada que iguala tudo, simplesmente pelo fato de nela se encontrar o prazer equalizado pelas discursividades e práticas cotidianas que insistem em desqualificar, em anatematizar e em anormalizar os prazeres que fogem do controle do corpo. Dito de uma forma mais simples, o gozo Ubu diz respeito à redução das sexualidades singulares ao prazer conectado a um centro dominante de práticas e de sentidos. Ele está, ironicamente, na denúncia do protagonista e narrador de *a História do Olho*, de Georges Bataille<sup>2</sup> (2003, p.58): “para os outros, o universo parece honesto. Parece honesto para as pessoas de bem porque elas têm os olhos castrados. Em geral, apreciam os ‘prazeres da carne’, na condição de que sejam insossos”. E isto não é juízo de valor, é indicação de limites para o gozo. Numa palavra, a sexualidade que forja limites prévios para si mesma, que se conecta às normalizações ansiosas por verdades, que esgota o corpo em sua

<sup>2</sup> Georges Bataille (1897-1962): escritor, antropólogo e filósofo francês. O erotismo, a transgressão e o sagrado são temas abordados em seus escritos. Sua correspondência foi publicada em 1997 pela Gallimard sob o título *Choix de lettres 1917-1962*. Grande parte de sua obra não foi traduzida para o português. (Nota da IHU On-Line)

## “É preciso sacudir a ‘cartografia da sexualidade’, afirmou Foucault em *Não ao sexo rei*”

capacidade de gozar, que prolifera o medo à diferença pelo fato de ser o medo à indeterminação, e que se pauta pelo *verdadeiro* sexo, faz o sentido do que chamo de gozo Ubu.

### Desessencialização do gozo

Entretanto, a partir do momento em que Foucault (1999, p.100) concebeu a sexualidade como um dispositivo histórico, tramada à superfície em que “a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder”, uma operação de desessencialização do gozo também ocorreu. Resistir ao gozo Ubu, neste caso, também é componente *normal* da sexualidade; é acontecimento histórico deslocado de uma natureza subterrânea qualquer que predisporia os prazeres sexuais como finalidades prévias das funções corporais.

O que prevaleceu nesse dispositivo histórico, contudo, foram os jogos normativos que, desde cedo, tomaram o gozo extraviado de uma expectativa média social qualquer como aberração. Desde então, “o degenerado é aquele que é portador de perigo”, como tratou de evidenciar Foucault em *Os anormais*. Ele é perigoso simplesmente pelo fato de sua experiência com a sexualidade ser periférica. Ele é o extravio normativo em relação ao gozo, ele é heterogozador.

Enquanto o “verdadeiro” sexo aspira pela manobra do gozo dentro das casas pretas ou brancas do tabuleiro da sexualidade e de sua anatomia, para Foucault, a anatomia incerta, o lado sem fronteira, a heterogeneidade de prazer sem morfologia prescri-

tiva, o experimentalismo deslocado e inventivo de cada um, os amores que não *ousam dizer o nome*, são possibilidades de intervenção no complexo de fixação em torno dos prazeres que são extraídos ou infligidos ao corpo. Mais do que isso, são maneiras ou caminhos de não desdobrar de forma ubuesca o estado de miséria sexual no qual vivemos. São possibilidades de dizer: *Não ao sexo rei*.

Nesse sentido, o gozo degenerado opõe-se ao gozo Ubu. Aquele é herético enquanto insiste em contrariar as cartilhas, os credos, as normas e as prescrições em torno dos prazeres, bem como ao redor da utilização correta do corpo, do posicionar-se na escolha certa - sexualidade colonizada e atravessada por afirmações grotescas e cínicas. É preciso sacudir a “cartografia da sexualidade”, afirmou Foucault em *Não ao sexo rei*. Ali mesmo, ele invocou as sexualidades heréticas neste sentido: “é preciso fabricar verdadeiramente outras formas de prazer, de relações, de coexistências, de lugares, de amores, de intensidades” (1994, p.261).

Este imperativo não deve ser visto como uma ordem universal por parte de Foucault, mas como um convite que ora se deslinda, sem a pretensão de ser uma imposição ao gozo de alguém. De outro lado, contudo, é sim uma ordem àqueles que insistem, doutrinariamente, senão de modo ortodoxo, a impor, não importa a quem, qualquer forma de gozo e a condenar as suas heresias.

### REFERÊNCIAS

- BATAILLE, G. *História do Olho*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.  
 FOUCAULT, M. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.  
 \* *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.  
 \* *O poder psiquiátrico*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.  
 \* “*Non au sexe roi*”. In. Dits et Écrits. Paris: Gallimard, 1994, p.256-269.

### LEIA MAIS...

- >> Alexandre Filordi já publicou outro artigo na IHU On-Line:  
 \* *Foucault e a questão da crítica em torno da biopolítica*. Artigo publicado na edição 203 da Revista IHU On-Line, de 06-11-2006, disponível para download em <http://migre.me/S7Mj>

## Sexualidade, poder político e técnicas disciplinares

Marcos César Alvarez, sociólogo, examina a conjunção entre soberania, disciplina e governamentabilidade e debate as ideias de Michel Foucault

POR MÁRCIA JUNGES

“**A** sexualidade hoje é alvo tanto de técnicas disciplinares, voltadas para a normalização da sexualidade - definição do que é normal ou não - como também na questão da gestão de populações, preocupação com a reprodução etc”. A afirmação é do sociólogo Marcos César Alvarez, em entrevista exclusiva que concedeu, por e-mail, à IHU On-Line. Segundo ele, o sexo é um poder político “porque as tecnologias de poder transformaram o exercício da sexualidade numa questão política. Por isso, comportamentos que antes estavam restritos à vida privada são hoje publicamente discutidos e politizados”.

Professor no departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo, Alvarez é graduado em Ciências Sociais por essa instituição, onde também cursou mestrado e doutorado em Sociologia. Sua tese intitulou-se *Bacharéis, criminologistas e juristas: saber jurídico e nova escola penal no Brasil - 1889-1930* (São Paulo: IBCCRIM, 2003). É pós-doutor pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), na França. É um dos organizadores da obra *O legado de Foucault* (São Paulo: Editora da UNESP, 2006). Em 16 de junho, apresentou a conferência Soberania, disciplina e governamentabilidade como tecnologias de poder, dentro da programação do **Seminário Michel Foucault - Corpo, sexualidade e direito**, promovido pela UNESP/Marília. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Qual é a relação entre soberania, disciplina e governamentabilidade como tecnologias de poder?**

**Marcos César Alvarez** - Para Foucault, soberania, disciplina e governamentabilidade são diferentes tecnologias de poder. É preciso, no entanto, perceber que o poder para Foucault é uma forma de ação que é produtiva, e não apenas negativa. Quando alguns homens agem sobre a ação de outros, existe poder, por isso o poder está presente em qualquer convivência social. Se o poder soberano é aquele que pode levar à morte ou deixar o súdito viver, o poder disciplinar está voltado para o adestramento dos corpos, buscando objetivos produtivos. A governamentabilidade, por outro lado, tem como alvo o governo de populações.

**IHU On-Line - Quais são as principais tecnologias de poder aplicadas à sexualidade hoje?**

**Marcos César Alvarez** - Seguindo as discussões de Foucault, podemos conside-

**“A discussão em torno do gênero só foi possível devido ao seu investimento por essas tecnologias de poder na modernidade. A partir das lutas de mulheres e minorias, transformadas em objetos e sujeitos por essas tecnologias de poder, é que emergem as questões de gênero”**

rar que a sexualidade hoje é alvo tanto de técnicas disciplinares, voltadas para a normalização da sexualidade - definição do que é normal ou não - como também na questão da gestão de populações, preocupação com a reprodução etc.

**IHU On-Line - Como essas tecnologias redefinem a questão de gênero?**

**Marcos César Alvarez** - A discussão em torno do gênero só foi possível devido ao seu investimento por essas tecnologias de poder na modernidade. A par-

tir das lutas de mulheres e minorias, transformadas em objetos e sujeitos por essas tecnologias de poder, é que emergem as questões de gênero.

**IHU On-Line - A sociedade patriarcal está ameaçada a partir da revolução queer? Por quê?**

**Marcos César Alvarez** - Não sou especialista nas questões de gênero, mas creio que seria ingênuo afirmar que a sociedade patriarcal ou outras formas de dominação estão superadas. Pelo

“O importante é perceber, considerando as discussões de Foucault, que a vida social implica na existência de formas de poder”

contrário, trata-se de lutas permanentes, que, por vezes, permitem afirmar novos direitos e ampliar a cidadania, mas, em outras, ocorrem retrocessos.

**IHU On-Line - Como a homofobia e o sexismo influenciam na aplicação das tecnologias de poder à sexualidade?**

**Marcos César Alvarez** - Aqui acho preciso retomar a distinção feita por Foucault entre violência e poder. A violência é aquilo que destrói os corpos, enquanto que o poder é sempre uma forma de agir sobre os corpos. A homofobia e o sexismo podem se revelar em pura violência - no assassinato, por exemplo, de mulheres e homossexuais - ou em tecnologias de poder que recolocam formas assimétricas, desiguais de convivência social.

**IHU On-Line - Em que medida o sexo é um poder político?**

**Marcos César Alvarez** - O sexo é um poder político porque as tecnologias de poder transformaram o exercício da sexualidade numa questão política. Por isso, comportamentos que antes estavam restritos à vida privada são hoje publicamente discutidos e politizados.

**IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?**

**Marcos César Alvarez** - O importante é perceber, considerando as discussões de Foucault, que a vida social implica na existência de formas de poder. A questão é como construir formas de convivência social democráticas, a partir das quais as tecnologias de poder possam ser permanentemente criticadas.

## Um ponto de partida das histórias foucaultianas da sexualidade: corpo e individualidade em o *Nascimento da Clínica*

POR CARLOS EDUARDO RIBEIRO

Uma análise da obra o *Nascimento da clínica*, de Michel Foucault, a partir da perspectiva do corpo e da individualidade é o tema do artigo a seguir, escrito pelo filósofo Carlos Eduardo Ribeiro, com exclusividade para a IHU On-Line.

Graduado, mestre e doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), Carlos Eduardo defendeu a tese *Foucault: uma arqueologia política dos saberes*. Foi recém-aprovado como professor do Curso de Licenciatura Plena em Ciências na Universidade Federal de São Paulo - Unifesp, campus Diadema. Confira o artigo.

Um dos trabalhos menos comentados de Foucault talvez seja o *Nascimento da clínica*. É possível que isso se explique em razão do árduo tema que lhe atravessa, a medicina moderna e sua noção de doença, ou mesmo devido à clara opção, feita por Foucault, por uma história conceitual da anatomoclínica que, considerando o surgimento da medicina do espaço social do século XVIII, favorece claramente, como modo de trabalho, a função metodológica nas teorias médicas. Poder-se-ia mesmo levantar a questão em que medida a consideração metodológica tão acentuada deste escrito não configurou uma arqueologia da *metodologia clínica* no desenvolvimento da arqueologia do olhar médico no século XIX. De todo modo, o *Nascimento da clínica* parece pouco acessível ao leitor de filosofia. Neste caso, a fortuna crítica o convocará apenas marginalmente no conjunto da produção do filósofo.

Por esta razão, vale pensar alguns aspectos desta arqueologia do olhar médico. Christiane Sinding<sup>1</sup> parece

<sup>1</sup> Christiane Sinding: pesquisadora do Insti-

ter em mente a questão da singularidade de o *Nascimento da clínica* quando, de modo pouco usual, ressalta a relação quase despercebida entre medicina e poder no escrito de 1963. Antes mesmo do projeto da crítica foucaultiana da subjetividade, as práticas *divisantes* do sujeito se fazem sentir no trabalho. Sinding trará o momento em que, na experiência médica moderna, impõe-se que o fenômeno patológico seja compreendido no domínio acoplado do hospital-escola. Tal experiência passa a fracionar o sujeito em médico-paciente, não para restabelecer o antigo papel de ocorrência classificatória e circunstancial da doença no doente, mas para forjar “uma estrutura coletiva do sujeito da experiência médica”.<sup>2</sup> A medicina não

tut National de la Santé et de la Recherche Medicale (INSERM), autora de *Le clinicien et le chercheur. Des grandes maladies de carence La rmedicine molimlaire* (1991) *Utopie Medica, Une La Sagesse DuCorps* (1992) e de vários artigos em história da medicina. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> FOUCAULT, M. *O nascimento da clínica*. Trad. Roberto Machado. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 121. (Nota

se faz entre o paciente ignorante e a sapiência médica, mas “é feita solidariamente por aquele que descobre e aqueles diante dos quais se descobre”. Trata-se de uma “estrutura *coletiva* do sujeito” pelo qual “a clínica se situa no encontro de dois conjuntos; a experiência que a define percorre a superfície de seu confronto e de seu recíproco limite”.<sup>3</sup>

### Atividade média e consciência política

Tal alerta diz respeito aos primeiros capítulos de o *Nascimento na clínica* nos quais da atividade médica é tributária da criação de uma consciência política. É o caso da medicina da epidemia e da doença endêmica do século XVIII que fundarão os órgãos administrativos em nome do controle das doenças. O mesmo ocorria com a chamada medicina em domicílio que, tida por espaço natural doença, só podia ser viabilizada por uma medicina nacional, por estruturas controladas pelo coletivo e que ocupassem inteiramente o conjunto do social. É quando nasce a preocupação com a saúde da população, pela demanda de atendimento individual. Há, pois, uma nova espacialização da doença em curso. Em face das necessidades de uma coletividade sob controle, de estruturas que deveriam ser *coletivamente* controladas, a doença é norteadora de uma medicina do espaço social. A “aparição de uma consciência médica coletiva e normativa pode parecer um tema secundário da obra” diz Sinding “mas sua reaparição ulterior sob a forma de um conceito de “biopoder” obriga o leitor a preocupar-se com a emergência desse tema em 1963”<sup>4</sup>. O estudioso que quiser bem compreender o poder sobre vida estudado por Foucault, desde 1971, há de ter em conta estas preocupações primeiras de colocadas pelo *Nascimento da clínica*.

Apesar disso, à primeira vista, alguém poderia pensar simplesmente

3 FOUCAULT, M. *O nascimento da clínica*. Trad. Roberto Machado. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 121.

4 SINDING, Christiane. *La méthode de la clinique*. In: GIARD, Luce (Dir.). *Michel Foucault: Lire l'oeuvre*. Grenoble: Jérôme Millon, 1992, p. 64. (Nota do autor)

“Podemos então dizer que esta percepção epistêmica do corpo, inaugurada na anatomoclínica, não permanece circunscrita aos muros de uma epistemologia médica. A norma coletiva, invertida em norma individual pelo domínio da morte, é um dos traços originais do século XIX, do modo como a individualidade moderna foi elaborada em seus imperativos políticos”

que Foucault concebeu a noção de corpo, neste seu escrito de juventude, como modo discursivo, como diz Jean-Jacques Courtine<sup>5</sup>, que se “inscreve no campo dos saberes antes de se inscrever no campo de um poder”<sup>6</sup>. Mas esta precedência é falsa. O olhar clínico, lembremos, é lançado no instante mesmo em que o espetáculo do patológico é percebido pelo olhar do

5 Jean-Jacques Courtine: doutor em Linguística pela Universidade Paris X - Nanterre, professor de Linguística, Cultura e História das Mentalidades, na Universidade da Califórnia, Santa Bárbara, EUA. Tem uma vasta produção na interface de análise do Discurso e da Política. Entre as obras, destacam-se *Análise Do Discurso Político Discurso Comunista Endereçado Aos Cristãos* (Edufscar 2009) e *História do Corpo - Mutações do olhar* (Vozes, 2008). (Nota da IHU On-Line)

6 COURTINE, Jean-Jacques. *Entre la vie et la mort*. In: GIARD, Luce (Dir.). *Michel Foucault: Lire l'oeuvre*. Grenoble: Jérôme Millon, 1992, p. 115. (Nota do autor)

médico. É preciso ter um claro cuidado em não negligenciar o elo entre vida e morte estabelecido pelo método anatomoclínico em seu olhar sobre o corpo doente, repartido no novo espaço-tempo da clínica. Aliás, nisto está a singularidade da clínica moderna: tomar a morte como domínio (moderno) de objetividade. Se o método da clínica é, de fato, um olhar sobre a profundidade dos corpos assegurado pelo exame da anatomia patológica que deseja estudar os tecidos e membranas, isto é, se a doença é o “o trabalho surdo da morte na vida” que temos à mão pela inspeção corporal profunda, então, conclui Courtine, “a obsessão contemporânea, cotidiana, minuciosa da saúde do corpo pode ser concebida somente como a radicalização desta concepção de doença, processo mórbido interno ao ser vivo”<sup>7</sup>. Inevitavelmente, ainda hoje quando buscamos a saúde do corpo recorremos à sua dimensão mais objetiva de que ainda dispomos, um gradiente de mortes que se transforma a normalidade, como norma constituída, à normalidade como norma constituinte.

Com efeito, do interior de um trabalho quase que exclusivo com as teorias médicas, a noção de corpo para Foucault se identifica, ao mesmo tempo, à consideração da finitude mortal do homem e sua colocação como objeto da medicina. O corpo, portanto, na modernidade é *norma constituída* mudada em *norma constituinte*; é consciência médica normativa invertida em norma de individualidade. Fica aqui patente a filiação à prática da epistemologia histórica do mestre Canguilhem<sup>8</sup>. Mas Foucault parece vai ampliar ainda mais este diagnóstico.

“É, sem dúvida, decisivo para a *nossa cultura*” concluirá o arqueólogo do olhar médico “que o primeiro discurso científico enunciado por ela sobre o indivíduo tenha tido que passar por este momento da morte”,<sup>9</sup>. Assim como, na experiência da desrazão moderna, de *História da loucura* (5ª ed. São Paulo: Perspectiva,

7 Ibidem, p. 115. (Nota do autor)

8 Georges Canguilhem (1904-1995): filósofo francês, membro do Collège de France, especializado em filosofia da ciência e no estudo da normatividade. (Nota da IHU On-Line)

9 FOUCAULT, M. *O nascimento da clínica*. Trad. Roberto Machado. 6a. edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 217.

1997), encontramos a individualidade na alienação médico-paciente, a medicina moderna abre seus cadáveres para conhecer o homem na alienação da doença no corpo. Ambas aquilatham a dimensão *individual* do homem, conforme um movimento de perda e reencontro do que ele é. Psicologia e clínica compõem, na Modernidade, a grande ontologia negativa do homem. Na expressão de Foucault, elas fazem a grande “*experiência da individualidade*”, querem ambas conhecer o indivíduo por “*referência à destruição*” do homem: “[...] dos cadáveres abertos de Bichat ao homem freudiano, uma relação obstinada com a morte prescreve ao universal sua face singular e dá à palavra de cada um o poder de ser indefinidamente ouvida; o indivíduo lhe deve um sentido que nele não se detém”.<sup>10</sup> O doente se aliena no observador neutro e real da pessoa do médico. É o fim da velha proibição aristotélica que impedia um *discurso científico sobre o indivíduo*. Doravante, a morte disporá de uma linguagem na condição de conceito: o espaço em que o olhar médico verbaliza a *forma diferenciada do indivíduo*. Diferenciada por que excesso daquilo que o homem não é; diferenciada porque figura da finitude que se por si mesma *confunde* a empiricidade do olhar clínico com o próprio homem-norma.

### Estética da existência

Podemos então dizer que esta percepção epistêmica do corpo, inaugurada na anatomo-clínica, não perma-

10 FOUCAULT, M. *O nascimento da clínica*. Trad. Roberto Machado. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 217. (Nota do autor)

nec circunscrita aos muros de uma epistemologia médica. A norma coletiva, invertida em norma individual pelo domínio da morte, é um dos traços originais do século XIX, do modo como a individualidade moderna foi elaborada em seus imperativos políticos. Assim, para Foucault trata-se, já nos anos 1960, de fazer uma crítica mais ampla da própria forma com que a racionalidade médica vem configurar, na realidade, uma política da verdade. Esta referência à negatividade como constitutiva do *ser do homem* (como o filósofo dirá na analítica da finitude de *As palavras e as coisas*. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000), é um importante germe do subseqüente programa foucaultiano da história da sexualidade. Que indiquemos um caminho à guisa de ensaio e desenvolvimento ulterior.

Aos menos dois importantes procedimentos, no contexto da história da sexualidade, explicitam o mesmo recurso à destruição constitutiva do homem como figura de *seu ser*: a rejeição da hipótese repressiva *sobre* a sexualidade, no que toca ao dispositivo de sexualidade, e a crítica da noção de sujeito do desejo e a rejeição de uma teoria do desejo. Em *a Vontade de saber* (12ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997), a colocação do sexo em discurso exigirá que Foucault elabore um “*desengate*” jurídico: desfazer-se de certa representação do poder como emanado de uma centralidade (cortar a cabeça do rei do posto de vista da história da representação política) a fim de expor, sob a rubrica da negatividade pacificadora do poder soberano, os assaltos de um poder estrategicamente disposto em redes de forças. Muitas vezes pensamos que Foucault simplesmente rejeitou

o poder soberano para realizar esta sua história da sexualidade. É coisa diversa disso que a *História da sexualidade I* elaborou como analítica do poder: o discurso da interdição sexual (*hipótese repressiva*) tem uma estratégia *sui generis* que é, precisamente, a de apresentar o homem do desejo como liberado da repressão sexual. Ora, é exatamente esta operação, a que crê no fim da severidade sexual, que oculta a efetiva ação política deste discurso: da repressão à liberação são sempre estratégias de “*assujeitamentos*” que está a se formular. Não à toa mais tarde, especialmente a partir de *O uso dos prazeres* (7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1994), Foucault quer estabelecer sua história da sexualidade para além da evidência histórica da teoria do desejo. Problematiza nos volumes I e II da *História da sexualidade o tema teórico geralmente aceito do sujeito desejante*. Portanto, recorrendo outra vez à negatividade constituinte do nosso humanismo - neste caso, tendo em vista certa genealogia do inconsciente - Foucault faz a crítica do homem do desejo a fim de entender por que o discurso científico da sexualidade (a psicanálise) pertence à era que confessa o que se é recorrendo a um negativo nós somos (o inconsciente). Contudo, se, nos últimos escritos, Foucault viaja até a antiguidade greco-romana para realizar esta tarefa, é para tentar um caminho novo que o homem pretende: tentar uma análise das práticas históricas segundo as quais os indivíduos se interessaram por eles próprios, ou seja, Foucault quer, ao analisar *as práticas de si*, encontrar as regras ou critérios não de fixação do indivíduo, mas de sua mudança pelo pensamento, uma *estética da existência*.



## XII SIMPÓSIO INTERNACIONAL IHU - A EXPERIÊNCIA MISSIONEIRA: TERRITÓRIO, CULTURA E IDENTIDADE

DATA DE INÍCIO: 25 DE OUTUBRO DE 2010  
INFORMAÇÕES EM [WWW.IHU.UNISINOS.BR](http://WWW.IHU.UNISINOS.BR)



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# B.

## Destques da Semana

# Teologia Pública

## “Devoção negra”: os santos e a catequese da Igreja colonial voltada aos negros

Para a Igreja Católica do período colonial, a preocupação de cristianizar os negros passou por uma re-elaboração de elementos cristãos para aproximá-los das culturas de matriz africana, segundo o historiador Anderson José Machado de Oliveira

POR MOISÉS SBARDELLOTTO

**D**os primórdios da Igreja na Etiópia até a devoção dos “fiéis escravos” do período colonial do Brasil. Essa foi a viagem que Santo Elesbão e Santa Efigênia realizaram pelas mãos do frei carmelita José Pereira de Santana, ainda no século XVII. Nesse trajeto, os dois santos passaram também por um processo de aproximação forçada à Ordem do Carmo.

Para o historiador Anderson José Machado de Oliveira, essa “tradição inventada” fazia parte de um processo de cristianização dos negros do Império Português, como também de promoção da própria Ordem do Carmo. Autor de *Devoção Negra: Santos Pretos e Catequese no Brasil Colonial* (Ed. Quartet/FAPERJ, 2008), Oliveira analisa, nesta entrevista, concedida, por telefone, à **IHU On-Line** a aproximação ocorrida desde o Brasil colonial até hoje, entre alguns aspectos-chave do catolicismo e as religiões de matriz africana.

Segundo ele, “o catolicismo é a religião do colonizador, mas, ao mesmo tempo, é também a religião que vai ser relida por esses negros, que vão se apropriar do catolicismo também como uma possibilidade de reconstrução” de suas próprias identidades. Mas não do catolicismo idealizado pela hierarquia da Igreja, e sim de um “catolicismo possível, o que alguns chamam de ‘catolicismo popular’, que seria essa reinterpretção do catolicismo segundo as diversas matrizes culturais existentes no período colonial”.

Anderson José Machado de Oliveira é historiador formado pela Universidade Federal Fluminense. Possui mestrado e doutorado em História pela mesma instituição. Atualmente, é professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade Federal do Rio de Janeiro, além de colaborador da Universidade Federal Fluminense. Além de *Devoção Negra*, é autor dos capítulos “Negra Devoção”, do livro *Raízes Africanas* (Ed. Sabin, 2009), e de “O Herói e a Coroa”, parte de *História e Imagem* (Ed. Gráfica Pontual, 1998). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Em aspectos gerais, qual a importância dos negros para a Igreja Católica do período colonial? Eles faziam parte da sua preocupação missionária ou catequética?**

**Anderson José Machado de Oliveira**

- A partir do momento em que a mão-de-obra africana se torna fundamental para a própria gerência da economia colonial, essa importância aparece não só para o Estado, mas para a Igreja também, já que se vivia em um regime de união entre Igreja-Estado. E a Igreja, como uma instituição impor-

tante na estruturação do poder e da sociedade colonial, não poderia deixar de se preocupar com o crescimento da população de africanos no Brasil, principalmente, a partir do final do século XVII e ao longo do século XVIII, quando, na verdade, os africanos e seus descendentes vão se tornando, praticamente, o maior contingente populacional da América portuguesa. A partir disso, eu acredito que há, sim, uma preocupação da Igreja com a missão sobre os negros, com algumas diferenças, no entanto, em

relação à missão com os índios. Essa preocupação se traduziu na busca por modelos de santidade que pudessem ser difundidos entre a população de africanos e seus descendentes de forma a não só inseri-los na cristandade, mas também a fazer essa inserção cristianizando, na medida do possível, essa população.

**IHU On-Line - Em sua pesquisa, o senhor aborda a questão do culto dos santos no Brasil colonial. O que isso significou para um maior alcance da**

**Igreja Católica entre os fiéis?****Anderson José Machado de Oliveira**

- A questão do culto dos santos já é tradicional dentro da Igreja. Desde a alta Idade Média, o culto dos santos acabou se transformando em uma ação importante da Igreja, inclusive para a conversão de populações não cristãs. Na época moderna, essa pastoral do culto aos santos é reforçada até na medida em que ele é questionado pelos protestantes. Em relação aos negros, a questão do culto aos santos era, de alguma forma, já difundido por ações portuguesas na costa da África, e essa pastoral acaba, no meu entender, tendo uma importância fundamental para aproximar esses fiéis de origem africana à própria Igreja, já que há, com relação ao culto dos santos, algumas características, segundo o historiador africanista John Thornton<sup>1</sup>, que podem aproximar o catolicismo de alguns aspectos das próprias religiões de matriz africana, como a questão da possibilidade de comunicação entre o mundo material e o mundo não material, a existência de espíritos que fazem a comunicação entre esses dois mundos. Isso, a meu ver, contribui para que o culto aos santos tenha se colocado como algo importante na própria inserção dos negros na cristandade.

**IHU On-Line - Quem foi o frei José Pereira de Santana? Como a sua história se relaciona com o projeto catequético da Igreja para os negros?****Anderson José Machado de Oliveira**

- José Pereira de Santana foi um frade carmelita, nascido no Rio de Janeiro, na segunda metade do século XVII. Ele é ordenado no Carmo do Rio de Janeiro, na ordem dos Carmelitas Calçados, e, posteriormente, vai para Portugal, onde ele completa seus estudos, com um doutorado em Coimbra, tendo, com isso, uma ascensão muito rápida, em termos da hierarquia da própria ordem carmelita, e na própria estrutura da Igreja. Ele acaba galgando posições importantes dentro da ordem do Carmo de Lisboa e se torna, a partir de 1735, qualificador do Santo Ofício,

<sup>1</sup> John Lawson Thornton (1954): professor e diretor na Tsinghua University, de Beijing. (Nota da IHU On-Line)

**“Fica bastante evidente, na minha interpretação, que há uma apropriação com vistas ao processo de cristianização dos negros no interior do Império Português, como também de promoção da própria Ordem do Carmo, já que esses dois santos vão ser associados diretamente à ordem”**

um cargo extremamente importante, já que os qualificadores funcionavam como uma espécie de “tribunal superior” dentro do Santo Ofício, que analisava, quando necessário, as questões mais complicadas nas decisões do Santo Ofício, além de serem os responsáveis pela chancela das publicações dentro do Império Português. Qualquer livro, qualquer impresso, para virar público, passava pela avaliação dos qualificadores do Santo Ofício, isso pelo menos até 1765, quando o Marquês de Pombal<sup>2</sup> cria a Real Mesa Censória, retirando essa atribuição do Santo Ofício.

Então, isso fez de José Pereira de Santana um agente do Carmo muito importante. Ele chega a se tornar preceptor e confessor das filhas de Dom José I<sup>3</sup>, tendo uma proximidade com o Paço Real muito grande, e dentro da própria ordem do Carmo. E é ele que vai escrever o trabalho do qual eu par-

<sup>2</sup> Sebastião José de Carvalho e Melo, primeiro Conde de Oeiras e Marquês de Pombal (1699-1782): nobre e estadista português. Foi secretário de Estado do Reino durante o reinado de D. José I (1750-1777), sendo considerado, ainda hoje, uma das figuras mais controversas e carismáticas da História Portuguesa. (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> D. José I de Portugal (1714-1777): cognominado O Reformador devido às reformas que empreendeu durante o seu reinado, foi Rei de Portugal da Dinastia de Bragança desde 1750 até a sua morte. (Nota da IHU On-Line)

to para analisar essa questão do culto aos santos entre os negros, que é justamente a vida de São Elesbão e Santa Efigênia. É um trabalho escrito por ele em dois volumes, o primeiro sobre a vida de São Elesbão, e o segundo sobre a vida de Santa Efigênia, nos quais Frei José procura criar uma tradição de ligação entre as histórias desses dois santos com a Ordem do Carmo. Os dois são tidos por frei José Pereira de Santana como religiosos carmelitas, incluindo sua própria iconografia: eles são representados com vestes carmelitas. Com isso, a própria imagem do Carmo vai estar associada à imagem desses dois santos, que são colocados como exemplos para a população de africanos e seus descendentes na América portuguesa.

**IHU On-Line - O senhor se detém sobre o culto de dois santos específicos, Santo Elesbão e Santa Efigênia. Quem foram esses santos? Realmente existiram?****Anderson José Machado de Oliveira**

- Há toda uma tradição hagiográfica dentro da Igreja Católica que coloca Santo Elesbão como um imperador da Etiópia, em torno do século VI d.C., e Santa Efigênia como filha do rei da Núbia, por volta da época apostólica do cristianismo. Essa tradição existente em torno da vida de Santa Efigênia diz que ela teria inclusive se convertido ao cristianismo pelo apóstolo Mateus, e que Santo Elesbão teria sido um dos defensores do cristianismo na Etiópia não só contra a expansão muçulmana na África, mas também com relação aos próprios judeus. Essas histórias aparecem, mais ou menos, nos textos hagiográficos ligados a uma tradição tanto do cristianismo romano quanto do cristianismo oriental, copta, de matriz ortodoxa. Na verdade, é muito difícil saber efetivamente se Santo Elesbão e Santa Efigênia foram santos “reais” do ponto de vista da sua existência. Com relação a Elesbão, é mais provável que haja algum fundo de realidade na existência dele, até porque existem relatos nos próprios mosteiros da Igreja copta, na Etiópia, sobre a existência de um imperador com esse nome.

No entanto, as histórias desses dois santos são histórias reapropriadas pela

tradição do Carmelo em Portugal, já que, na época em que esses santos teriam vivido, seria impossível que eles fossem carmelitas. Se Elesbão foi um santo que viveu em torno do século VI da era cristã, e Efigênia teria vivido na época apostólica, cronologicamente a Ordem do Carmo não existia nesse período, ela só é criada no século XIII, posterior a história desses santos. Na realidade, há uma tradição inventada, para usar o termo de [Eric] Hobsbawm<sup>4</sup>, em torno dessas histórias, que são trabalhadas a partir do frei José Pereira de Santana, ligando esses dois expoentes da santidade africana à Ordem do Carmo. Então, aí fica bastante evidente, na minha interpretação, que há uma apropriação com vistas ao processo de cristianização dos negros no interior do Império Português, como também de promoção da própria Ordem do Carmo, já que esses dois santos vão ser associados diretamente à ordem.

**IHU On-Line - Frei José chamou Santo Elesbão e Santa Efigênia de “Atlantes da Etiópia”, associando-os à imagem do sol e da lua. O que esse simbolismo significava para a cultura negra? Anderson José Machado de Oliveira -** Esse simbolismo é dotado de significados não só para as culturas africanas, mas para a cultura cristã também, a questão de Cristo ser associado ao sol, e da lua como símbolo de fertilidade. Isso vai aparecer em algumas culturas africanas, que também fazem esse tipo de associação dessa simbologia. Há diversas manifestações dentro da relação com o homem com a natureza. O que eu procurei mostrar no livro é que, para algumas culturas de matriz africana que estavam dentro das irmandades onde esse culto vai ser difundido, havia uma associação entre o sol com algumas divindades das culturas africanas e também com a lua, ligadas à mulher, à fertilidade etc. Então, há um fundo de simbolismos que são comuns entre a cultura cristã e algumas culturas de matriz africana.

**IHU On-Line - Qual o papel da Ordem dos Carmelitas dentro da Igreja Católica do período colonial? Como esses**

<sup>4</sup> Eric John Earnest Hobsbawm (1917): historiador marxista reconhecido internacionalmente. (Nota da IHU On-Line)

**“Não só a Ordem do Carmo, mas as ordens religiosas e a Igreja Católica em geral tinham uma posição que não condenava a escravidão. A escravidão era vista como um elemento, de certa forma, natural, dentro da estrutura da época, até mesmo em função de que os africanos eram vistos como povos que carregavam a marca do pecado, e a escravidão era uma forma de purgar esse pecado, de prepará-los para uma vida melhor após a morte”**

**religiosos se posicionavam diante do regime escravagista?**

**Anderson José Machado de Oliveira -** A Ordem do Carmo tinha uma posição importante dentro da estrutura da Igreja colonial. Em comparação com os jesuítas, essa importância era menor, já que os jesuítas vão se caracterizar como a grande ordem religiosa durante o período colonial. Mas o Carmo era, como as demais ordens religiosas, elemento importante na própria estrutura da Igreja, em termos de aquisição de bens, de proximidade com o poder. O próprio Frei José tinha uma

relação muito próxima com o poder real, inclusive por ter sido confessor e preceptor das filhas de Dom José. Então, eu diria que, de uma forma geral, as ordens religiosas, e o Carmo entre elas, foram importantes na própria difusão do cristianismo, do catolicismo, na América portuguesa. Até porque, pela determinação do Padroado Régio, as ordens tinham a obrigação de missionar, de expandir a fé cristã. Esse era o compromisso que elas desempenhavam dentro da estrutura da Igreja.

Com relação à escravidão, não só a Ordem do Carmo, mas as ordens religiosas e a Igreja Católica em geral tinham uma posição que não condenava a escravidão. A escravidão era vista como um elemento, de certa forma, natural, dentro da estrutura da época, até mesmo em função de que os africanos eram vistos como povos que carregavam a marca do pecado, e a escravidão era uma forma de purgar esse pecado, de prepará-los para uma vida melhor após a morte. Então, essas ordens trataram a escravidão como algo natural, a partir de uma perspectiva que não contradizia a própria utilização da mão-de-obra africana no Brasil, vista justamente por essa ótica. O próprio Antônio Vieira<sup>5</sup>, no século XVII, tem um sermão em que ele fala justamente disso, da naturalidade da

<sup>5</sup> Antônio Vieira (1608-1697): padre jesuíta, diplomata e escritor português. Veio para o Brasil em 1915 e logo começou seus estudos no Colégio dos Jesuítas. Mais tarde ingressou na Companhia de Jesus. Foi um grande orador sacro. Desenvolveu expressiva atividade missionária entre os indígenas do Brasil procurando combater a sua escravidão pelos senhores de engenho. Em 1641 voltou a Portugal onde exerceu funções políticas como conselheiro da Corte e embaixador de D. João IV principalmente no que se referia às invasões holandesas do Brasil. Retornou ao Brasil em 1652, tendo estado no Maranhão, onde fez acusações aos senhores de engenho escravocratas na defesa da liberdade dos índios. Foi expulso do país, juntamente com outros jesuítas. Envolveu-se, posteriormente, com a Inquisição e chegou a estar detido por um ano. Voltou ao Brasil em 1681, para a Bahia, onde veio a falecer anos mais tarde, no Colégio de Salvador. Entre suas obras estão: *Sermões*, composto por 16 volumes que foram escritos entre 1699 e 1748; *História do Futuro* (1718); *Cartas* (1735-1746), em três volumes; *Defesa perante o tribunal do Santo Ofício* (1957), composto por dois volumes e *Arte de furtar*, escrito em 1744, porém, de autoria duvidosa. Confira a edição 244 da IHU On-Line, de 19-11-2007, *Antônio Vieira. Imperador da língua portuguesa*. (Nota da IHU On-Line)

escravidão, de como a escravidão era algo natural, e que era preferível que os africanos estivessem no Brasil como escravos do que como pagãos em suas terras de origem, já que como escravos aqui eles estariam sendo inseridos dentro do cristianismo e estariam tendo justamente a oportunidade de purgar a marca do pecado em função da cristianização e da própria escravidão.

**IHU On-Line - Em linhas gerais, como podemos compreender a relação entre os negros e o catolicismo no período colonial? Que resquícios podemos perceber dessa relação na fé católica brasileira de hoje?**

**Anderson José Machado de Oliveira** - A relação dos africanos e de seus descendentes com o catolicismo acaba se dando, a meu ver, por uma perspectiva de releitura desse catolicismo no nível das práticas, efetuada durante o período colonial. Uma coisa que eu procuro mostrar no meu livro é que há um projeto de conversão dos negros. Esse projeto tem os seus níveis de efetividade, de concretização, já que alguns desses santos, difundidos pelas ordens, são efetivamente incorporados à crença dos negros, principalmente através das irmandades, nas quais eles serão cultuados. Há um processo aí em que eu vejo algum sucesso da Igreja na conversão dos negros. No entanto, outra coisa que eu procuro demonstrar é que, se esse projeto de conversão tem sucesso, esse sucesso é sempre limitado, do ponto de vista de que essas populações acabam re-elaborando essa crença católica a partir também das suas matrizes culturais de origem africana. No caso dos santos, por exemplo, eles acabam se tornando elementos de construção de identidades étnicas no período colonial, identidades essas que procuram recriar alguns aspectos dessa memória existente na África, que vão ser, de alguma forma, paralelas ao próprio culto católico.

Então, essa conversão dos negros passa sempre por um processo de releitura dos códigos cristãos e católicos e de adaptação às culturas africanas, seja através da utili-

**“A religião em geral tem um papel importante dentro da reconstrução das identidades de origem africana no Brasil. A religião é, a meu ver, por excelência, o elemento de re-elaboração cultural, até mesmo de resistência cultural, dentro da própria redefinição das culturas africanas na América portuguesa”**

zação dos santos como símbolos de reconstrução de identidades étnicas de matrizes africanas, seja através da simbolização desses santos com aspectos da cultura africana. Uma questão que eu chamo atenção no livro é o papel de Santa Efigênia, por exemplo. Há uma aproximação muito maior, pelo que eu pude ver, com a figura de Efigênia do que com a de Elesbão. A popularidade de Efigênia é maior do que a popularidade de Elesbão entre negros. A meu ver, isso está muito associado não só à questão da imagem da santa mulher, que, no cristianismo, tem sempre uma proximidade com a imagem de Maria, mas também ao papel que as mulheres tinham nas culturas de origem africana, nas quais elas eram as transmissoras, eram cadeias de transmissão da cultura, eram elementos importantes na própria circulação de informações e na própria manutenção da tradição africana, que está muito ligada às mulheres. Existem pesquisas hoje do Brasil colonial que mostram muito bem isso, como as libertas acabavam assumin-

do um papel importante enquanto lideranças dentro das suas respectivas comunidades.

No candomblé hoje e nas outras religiões de matriz africana, o papel da mulher é o papel fundamental, como as próprias lideranças. É quase um matriarcado, o que, para mim, é uma herança clara dessa posição da mulher na estrutura das culturas africanas e de como isso vai ser recriado no Brasil, seja através do catolicismo, do culto aos santos e das próprias religiões africanas, que vão se re-estruturar a partir do período colonial e se intensificando depois em outras etapas da própria construção da nossa história.

**IHU On-Line - Que análise o senhor faz sobre a relação entre as comunidades afro-brasileiras e a religião em geral hoje? E com relação ao catolicismo?**

**Anderson José Machado de Oliveira** - A religião em geral tem um papel importante dentro da reconstrução das identidades de origem africana no Brasil. A religião é, a meu ver, por excelência, o elemento de re-elaboração cultural, até mesmo de resistência cultural, dentro da própria redefinição das culturas africanas na América portuguesa. Por outro lado, o catolicismo é a religião do colonizador, mas, ao mesmo tempo, é também a religião que vai ser relida por esses negros, que vão se apropriar do catolicismo também como uma possibilidade de reconstrução dessas identidades. Não do catolicismo idealizado pela hierarquia da Igreja, mas o catolicismo possível, o que alguns chamam de “catolicismo popular”, que seria essa reinterpretação do catolicismo segundo as diversas matrizes culturais existentes no período colonial, dentre elas as próprias culturas de origem africana.



# Entrevistas da Semana

## “A serenidade é a outra face da política”

Ricardo Bins di Napoli acredita que Norberto Bobbio, com toda a sua experiência política e conhecimento teórico, conseguiu manter aberta a porta para o julgamento moral dos fatos históricos e políticos

POR MÁRCIA JUNGES E GRAZIELA WOLFART

**N**a visão do professor Ricardo Bins di Napoli, o modo de pensar de Norberto Bobbio “nos oportuniza um olhar diferente sobre os problemas morais. Penso que amplia a questão da Moral para além dos limites da fundamentação e da análise conceitual e lógica das proposições morais, enfatizando a necessidade de pensar normas eficazes para a vida moral e legal de um país”. Na entrevista que segue, concedida à **IHU On-Line** por e-mail, Napoli defende que a visão de Bobbio sobre as virtudes da serenidade e da tolerância “revelam uma transcendência do problema do poder e dos conflitos para refletir sobre o melhor modo de convivência entre os homens”. Para Bobbio, continua ele, “se considerarmos a política no sentido que muitos chamam de realista ou mesmo schmittiana, a serenidade é a outra face da política”.

Ricardo Bins di Napoli é professor na Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Possui doutorado em Filosofia, iniciado na Ludwig-Maximilians Universität, de Munique (Alemanha), e concluído na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. É mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Atua na área de Filosofia Moral e Política. Publicou *Ética e compreensão do outro: a ética de Wilhelm Dilthey sob a perspectiva do encontro interétnico* (Porto Alegre: EdiPUCRS, 2000) e juntamente com outros autores organizou *Ética e Justiça* (Santa Maria: Palotti, 2003), com textos sobre J. Rawls e outros filósofos, abordando a justiça, e *Norberto Bobbio: Direito, Ética e Política* (Ijuí: Editora Unijuí, 2005). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Poderia dar mais detalhes de por que as ideias de Bobbio fomentam o diálogo e o senso de responsabilidade pública?**

**Ricardo Bins di Napoli** - Em primeiro lugar, porque Bobbio foi um exemplo de homem público. Politicamente, nunca foi um homem de partido, mas participou ativamente da vida política italiana. Bobbio viveu sua juventude em uma Itália dominada pelo fascismo, sob a liderança do Duce, Benito Mussolini<sup>1</sup>. Entre 1935 e 1938, frequentava reuniões do grupo do movimento liberal-socialista. Nos anos 40, colaborava com o grupo turinense Justiça e Liberdade, que fundou

o Partido da Ação em torno das figuras de Aldo Capitini e Guido Calogero, em 1942. Foi então que Bobbio aderiu a esse partido, que sustentava a necessidade de se reunir, em uma nova construção política, os valores de liberdade e justiça. Em um Manifesto de 1941, que complementava um primeiro (Manifesto do liberal-socialismo), elaborado em 1940, pretendia-se aglutinar contra o fascismo todas as forças políticas. Em maio de 1942, o programa do Partido da Ação foi definido em sete pontos. Entre esses, constava a formação de uma república baseada em uma economia mista mediante a nacionalização dos grandes monopólios industriais e financeiros e por meio de um apoio da pequena e média empresa. O Partido liderado por Capitini e Calogero se impôs como uma das

forças da resistência ao fascismo, dando uma contribuição decisiva ao debate teórico para o nascimento da república italiana. Infelizmente, nas eleições após a 2ª Guerra Mundial, não teve o sucesso eleitoral esperado. Do ponto de vista político, a democracia parlamentarista será dominada durante quatro décadas pela direita Democracia Cristã, até sua morte política, na esteira das denúncias de corrupção e envolvimento com a Máfia. Economicamente, a Itália emergiu da destruição econômica provocada pela guerra para um papel de liderança econômica mundial.

**A unificação entre os socialistas e os social-democratas**

Nos anos 60, Bobbio defendeu a unifi-

<sup>1</sup> Benito Amilcare Andrea Mussolini (1883-1945): político italiano que liderou o Partido Nacional Fascista e é creditado como sendo uma das figuras-chave na criação do Fascismo. (Nota da IHU On-Line)

cação entre os socialistas e os social-democratas. Esse período não foi isento de sobressaltos, como a revolta estudantil de 1968 e a ação das Brigadas Vermelhas. Os anos 70 são marcados pela oposição de esquerda para o sequestro e morte do ex-primeiro ministro Aldo Moro<sup>2</sup>. A oposição foi constituída nesse período por uma vigorosa esquerda, representada por um dos mais fortes partidos comunistas da Europa Ocidental, o PCI, além de um Partido Socialista moderado. O partido comunista, entretanto, implodirá juntamente com as mudanças na conjuntura política, provocadas pelo fim do bloco soviético, originando o Partido de la Sinistra e a Rifondazione Comunista. Em 1984, Bobbio abre uma polêmica contra a “democracia de aplauso” envolvendo Bettino Craxi<sup>3</sup> e Sandro Pertini<sup>4</sup>. Ainda nesse ano é nomeado senador pelo próprio presidente Sandro Pertini. Em toda a sua vida, Bobbio foi um defensor de uma “filosofia militante”, como uma “filosofia da dúvida”, entendendo com ela o trabalho intelectual de análise e descrição, que visa a colocar em dúvida as pretensões absolutizantes de interpretação do mundo. Essa tarefa intelectual bobbiana é extremamente relevante. No fundo, ela o coloca, de um modo significativo, em uma linha direta com a filosofia socrática nascida na Grécia Antiga, há muitos séculos.

### IHU On-Line - Qual foi a preocupação de Bobbio com a ética ao longo de sua obra?

Ricardo Bins di Napoli - Penso que Bobbio, com toda a sua experiência política e conhecimento teórico, conseguiu manter aberta a porta para o julgamento moral dos fatos históricos e políticos. Ao delimitar e relacionar os âmbitos da Ética e da política, permite-se reflexões morais sobre os fins da ação humana na vida social, de modo a não aceitar tacitamente o realismo político, mas sa-

2 Aldo Moro (1916-1978): jurista, professor e político italiano. (Nota da IHU On-Line)

3 Bettino Craxi (1934-2000): político italiano. Foi líder do Partido Socialista Italiano (PSI) de 1976 a 1993 e ocupou o cargo de primeiro-ministro da Itália de 1983 a 1987. Foi o primeiro socialista, na história da república italiana a ocupar o cargo de primeiro-ministro. (Nota da IHU On-Line)

4 Alessandro Pertini (1896-1990): importante político italiano e sétimo presidente de seu país, eleito em 8 de julho de 1978 no 16º escrutínio. (Nota da IHU On-Line)

## “Ostentar a inteligência é uma estupidez, ou então quem ostenta a caridade é porque se ressentido da falta dela, diz Bobbio”

lientando a importância de uma postura normativa sobre a ação política. Como escreveu Bobbio: “Não se pode cultivar a filosofia política sem que se procure compreender aquilo que há além da política, sem que se ingresse, em suma, na esfera do não político, sem que se estabeleçam os limites entre o político e o não político. A política não é tudo. A ideia de que tudo seja política é simplesmente monstruosa”. Por isso, seu modo de pensar, através do seu conhecimento profundo do Direito e da política, nos oportuniza um olhar diferente sobre os problemas morais. Penso que amplia a questão da Moral para além dos limites da fundamentação e da análise conceitual e lógica das proposições morais, enfatizando a necessidade de pensar normas eficazes para a vida moral e legal de um país. Sua visão sobre as virtudes da serenidade e da tolerância revelam uma transcendência do problema do poder e dos conflitos para refletir sobre o melhor modo de convivência entre os homens. A serenidade não é uma virtude política, pelo contrário, é a mais apolítica das virtudes. Para Bobbio, se considerarmos a política no sentido que muitos chamam de realista ou mesmo schmittiana<sup>5</sup>, a serenidade é a outra face da política.

### O que existe além da política e da questão da serenidade

Assim, Bobbio não quer reduzir todo tipo de ação humana à política. Considera necessário pensar-se o que existe além dela. A serenidade é o contrário da arrogância, uma opinião exagerada de uma pessoa sobre os seus próprios méritos. A pessoa serena não tem grande opinião sobre si, não porque não tenha autoestima, mas simplesmente porque

5 Carl Schmitt (1888-1985): jurista, filósofo político e professor universitário alemão. (Nota da IHU On-Line)

reconhece as dificuldades e limites do homem. Assim, ela se vê como igual ao demais. Com maior razão, a serenidade opõe-se à insolência, que é a ostentação da arrogância. O indivíduo sereno não ostenta nem sua própria virtude. Ostentar a inteligência é uma estupidez, ou então quem ostenta a caridade é porque se ressentido da falta dela, diz Bobbio. A prepotência também se opõe à serenidade, não só porque é a potência ostentada, mas concretamente exercida. O prepotente exerce sua força esmagando os outros e utilizando-se de abusos e excessos.

O sereno é aquele que deixa o outro ser a seu modo. Não estabelece contato com o outro com o propósito de entrar em conflito, mas não se importa com o mundo dividido entre vencidos e vencedores, pois é num mundo sem esse tipo de história que gostaria de viver.

Isso não significa que a serenidade seja submissão. Esta, como a concessão, afabilidade, humildade, modéstia e a tolerância, é virtude afim com a serenidade. Enquanto o submisso renuncia à luta por fraqueza, medo ou resignação, o sereno rejeita a destrutividade do confronto por aversão ou por perceber a inutilidade dos fins que resultariam do confronto, por um sentimento profundo de desapego aos bens que estimulam a cupidez dos demais.

Igualmente a serenidade não é afabilidade, pois enquanto o afável é um crédulo, incapaz, muitas vezes, de suspeitar da malícia dos outros, o sereno busca uma relação justa, igual com os demais. Também não se deve, segundo Bobbio, confundir serenidade com humildade, elevada virtude para o cristianismo. A humildade, como definida por Spinoza<sup>6</sup>, é uma “tristeza nascida do fato de que o homem contempla sua impotência ou fraqueza”. O sereno não é triste, mas está convencido de que o mundo por ele imaginado é melhor que o mundo em que ele está obrigado a viver.

### A tolerância e a intolerância

A serenidade também não pode ser

6 Bento de Espinoza (1632-1677): um dos grandes racionalistas do século XVII dentro da chamada Filosofia Moderna, juntamente com René Descartes e Gottfried Leibniz. É considerado o fundador do criticismo bíblico moderno. (Nota da IHU On-Line)

confundida com a modéstia, uma subavaliação que se faz de si mesmo que nem sempre é sincera. Entretanto, esta diferença não exclui o fato de que o sereno seja humilde e modesto. A intolerância, como dogmatismo, é negativa, pois ela se torna limitadora das consciências, não admitindo diferenças do seu modo de pensar ou objeções às suas consciências. Da mesma forma, a tolerância pode ser negativa na forma de indiferença moral. Assim, a indiferença tem como antítese a atitude do fanático, que só aceita suas ideias e quer que todos o sigam. O núcleo da ideia de tolerância, escreveu Bobbio, “é o reconhecimento do igual direito a conviver que se reconhece a doutrinas opostas, e, portanto, do direito ao erro, pelo menos ao erro cometido em boa-fé”. Bobbio diz que a tolerância é recíproca e fruto de um contrato que dura enquanto o contrato dura, pois a base dela é o reconhecimento do igual direito de conviver. Sua necessidade emerge quando surge a irreduzibilidade de opiniões, pois é necessário que se encontre um *modus vivendi* entre os seus diferentes defensores. Além disso, permite que o erro cometido em boa-fé possa ser tolerado.

Também quanto à questão de tolerar os intolerantes, Bobbio indaga se poderiam ser tolerados grupos políticos como os neonazistas se eles mesmos não tiveram o princípio de tolerância quando estiveram no poder? E mais: tratando-se de uma doutrina discriminatória política, e racista e antissemita? Bobbio responde que sim, pois não fazê-lo seria eticamente reprovável e politicamente inoportuno. Bobbio diz que é melhor uma liberdade em perigo, mas expansiva, do que uma liberdade protegida, mas incapaz de evoluir. Nesse sentido, a tolerância é um método que implica na persuasão daqueles que pensam diferentemente de nós. Não é um método de imposição. Por isso, excluir certas ideias consideradas por nós criticáveis pode ser perigoso, por abrir espaço à limitação da liberdade de expressão, seja qual for a postura moral ou política que alguém possa ter. Impor homogeneidade sempre leva ao autoritarismo.

**IHU On-Line - Pensando nesses aspectos acima discutidos, como o legado**

**desse autor inspira a democracia?**

**Ricardo Bins di Napoli** - Em primeiro lugar, pelas suas ideias sobre a democracia. Para Bobbio, “o único modo de se chegar a um acordo quando se fala de democracia, entendida como contraposta a todas as formas de governo autocrático, é considerá-la caracterizada por um conjunto de regras (primárias ou fundamentais) que estabelecem quem está autorizado a tomar decisões coletivas e com quais procedimentos”. Nos anos 70, Bobbio definiu um conjunto de seis regras da democracia:

- todos os cidadãos que tenham atingido a maioria, sem distinção de raça, religião, condições econômicas, sexo etc., devem gozar dos direitos políticos;
- o voto de todos os cidadãos deve ter peso idêntico;
- todos os cidadãos que gozam dos direitos políticos devem ser livres para votar segundo a própria opinião;
- a existência de alternativas políticas reais;
- para as deliberações coletivas, como para as eleições dos representantes, deve valer o princípio da maioria numérica;
- nenhuma decisão tomada pela maioria deve limitar os direitos da minoria, em modo particular, o direito de tornar-se, em condições de igualdade, maioria.

Em segundo lugar, a posição ideológica-política de Bobbio envolve as tradições do liberalismo e do socialismo. Entendo que Bobbio é um liberal que vem da tradição política, não da tradição econômica. Isto é, para ele, Stuart Mill<sup>7</sup>, do “Governo Representativo”, é um modelo importante. Ele defende a liberdade contra a opressão, entretanto, a distribuição das riquezas, na versão soviética, é rejeitada por ele. Em terceiro lugar, não se pode atribuir ao autor uma insensibilidade em relação à questão social. Se tomarmos a análise que ele faz em “Direita e Esquerda”, ele próprio se identifica como um homem de esquerda. O amor pela liberdade não o torna insensível à necessi-

<sup>7</sup> John Stuart Mill (1806-1873): filósofo e economista inglês, e um dos pensadores liberais mais influentes do século XIX. Foi um defensor do utilitarismo, a teoria ética proposta inicialmente por seu padrinho Jeremy Bentham. (Nota da IHU On-Line)

dade de um mundo menos desigual. A redução da desigualdade é uma questão para Bobbio.

### Um cético diante do socialismo

Diante do socialismo, entretanto, Bobbio é um cético, mas não tem uma postura de antagonismo. Para ele, enquanto as instituições liberais têm uma relação natural com a democracia, a relação do socialismo com democracia precisa ser demonstrada. Essa posição, entretanto, permite a ele dialogar com a esquerda socialista (PCI e do Partido Socialista). Sua visão moderada, tolerante, como eu já disse, é aberta ao diálogo que não quer a exclusão dos grupos políticos que não aceitam sua concepção da política e da democracia. Ao contrário, quer convencê-los a mudar suas opiniões. Bobbio reconheceu também alguns paradoxos na democracia: a) Devido à pluralidade e complexidade das organizações, a aplicação das regras do jogo democrático é cada vez mais difícil; b) Com o alargamento do aparelho burocrático nas instituições representativas, criou-se uma estrutura hierárquica ao invés de democrática; c) A igualdade jurídica de todos diante da lei restringiu o poder do Estado sobre as demandas dos cidadãos; d) A Democracia e a tecnocracia surgida no interior do Estado estão em irremediável contradição, porque a tecnocracia é o governo dos especialistas, que, muitas vezes, desconhecem a vida real dos cidadãos, e a democracia é o governo de todos os cidadãos; independentemente de serem ou não especialistas; por fim e) A massificação de todas as grandes sociedades resulta hoje num conformismo generalizado que suprime o senso de responsabilidade individual característico de uma sociedade democrática.

Ao fim de sua vida, Bobbio, como senador vitalício, se colocou acima dos partidos. Essa posição política que evita o enquadramento fácil com grupos pré-definidos também se nota em sua discussão sobre a democracia. Pode-se concordar que Bobbio, partindo do mesmo ponto que uma série de autores de corte mais conservador, na defesa dos procedimentos como base da democracia, chegará, no entanto, a um ponto diferente.

### IHU On-Line - Como analisa a postura de intelectual público de Bobbio?

**Ricardo Bins di Napoli** - Bobbio foi um intelectual inserido tanto na vida acadêmica como na vida política. Ele produziu muito, e suas ideias sobre a política eram exaustivamente explicadas de modo compreensível até para os leigos. No interior da academia, fora da Itália, houve aqueles que não o levaram muito a sério. Em minha opinião, ele é tipo exemplar de intelectual participante, e foi respeitado na vida política italiana.

### IHU On-Line - O que a política atual, em específico em nosso país, poderia aprender com a trajetória de Bobbio?

**Ricardo Bins di Napoli** - Creio que, primeiramente, o exemplo dele poderia ser seguido pelas novas gerações de jovens políticos. Para isso, seria importante conhecer sua biografia e sua trajetória intelectual. Em segundo lugar, é importante conhecer suas ideias sobre a democracia. Bobbio tem, de fato, uma teoria normativa da democracia, isto é, uma teoria que diz como a democracia deveria ser. Além disso, todos deveriam

ler o Dicionário de Política<sup>8</sup> organizado por Bobbio e publicado há muito tempo, no Brasil, porque ele fornece um conjunto de conceitos importantes para se lidar com a vida política.

### IHU On-Line - Quais são os aspectos que permanecem mais atuais no pensamento desse autor 100 anos após seu nascimento?

**Ricardo Bins di Napoli** - Suas análises sobre a filosofia política e o pensamento político, suas ideias sobre o direito e sua teoria da democracia são relevantes ainda hoje.

### IHU On-Line - Que obras dele considera fundamentais?

**Ricardo Bins di Napoli** - BOBBIO, N. *Dicionário de Política*. Brasília: EdUnB, 1976.

BOBBIO, N. *Direito e Estado no pensamento de Emanuel Kant*. Brasília: EdUnb, 1984. [3a.Ed. São Paulo: Mandarim, 2000].

BOBBIO, N. *O Futuro da Democracia*

<sup>8</sup> BOBBIO, N. *Dicionário de Política*. Brasília: EdUnB, 1976. (Nota da IHU On-Line)

- *uma defesa das regras do jogo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

BOBBIO, N. *Liberalismo e Democracia*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BOBBIO, N. *Thomas Hobbes*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

BOBBIO, N. *A Era dos direitos*. Trad. Carlos Nelson Coutinho Rio de Janeiro, Campus, 1992.

BOBBIO, N. *Direita e Esquerda. Razões e significados de uma distinção política*. São Paulo, Unesp, 1995.

BOBBIO, N. *Igualdade e Liberdade*. Trad. C. N. Coutinho. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

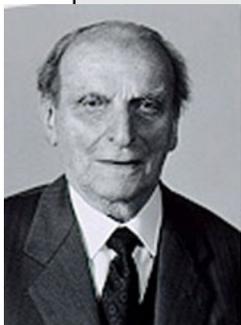
BOBBIO, N. *Elogio da serenidade e outros escritos morais*. São Paulo: Unesp, 2000.

BOBBIO, N. *Teoria geral da política*. M. Bovero org. Trad. Daniela B. Versiani. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

BOBBIO, N. *Teoria da Norma jurídica*. Trad. Fernando P Babbista e Ariani B. Sudatti. São Paulo: EDIPRO. 2001.

BOBBIO, N. *Entre duas repúblicas: as origens da democracia italiana*. Trad. Mabel M. Bellati. Brasília: Ed. UnB/ São Paulo: Imprensa Oficial, 2001.

## Quem foi Norberto Bobbio?



Norberto Bobbio (1909-2004) foi um filósofo político, historiador do pensamento político e senador vitalício italiano. Nasceu na capital do Piemonte, no seio de uma família burguesa tradicional. Inicia-se no gosto da leitura com George Bernard Shaw, Honoré de Balzac, Stendhal, Percy Bysshe Shelley, Benedetto Croce, Thomas Mann e vários outros. Foi amigo de infância de Cesare Pavese com quem conviveu e aprendeu o inglês através da leitura de alguns clássicos. Lia, depois traduzia e comentava. É marcado por uma educação liberal. Mesmo tardiamente, adquiriu consciência política. Adquire a educação política no liceu Massimo d'Azeglio, nas aulas de Augusto Monti, amigo de Piero Gobetti e colaborador na revista *Le rivoluzio-*

*ni liberali*, na convivência com Leone Ginzburg, judeu russo. Completa os estudos na Universidade na companhia de Vittorio Foà.

Acaba o liceu em 1927 e inscreve-se na Faculdade de Jurisprudência da Universidade de Turim. Convive com professores notáveis, que lhe ajudam a moldar a personalidade, os gostos e a traçar o seu próprio caminho. Em 1931, licencia-se em Jurisprudência com uma tese de Filosofia do Direito. Em 1935 obtém um lugar de docente de Filosofia do Direito na Universidade de Camerino. Conquistada a cátedra em Camerino é chamado para a Universidade de Siena em fins de 1938, onde permanece dois anos. Em dezembro de 1940 obtém a cátedra de Filosofia de Direito na Faculdade de Jurisprudência da Universidade de Pádua. Em 1948, Bobbio transfere-se para a Universidade de Turim cabendo-lhe primeiro

a regência da cadeira de Filosofia do Direito e depois, a partir de 1972, a de Filosofia Política.

Em 1979 jubila-se da atividade docente, com setenta anos, mas mantém-se ativo na reflexão e na escrita. É substituído pelo seu discípulo Michelangelo Bovero que organizará no fim dos anos 90 uma compilação de apontamentos das suas aulas sob o título *Teoria Geral da Política* - a filosofia política e as lições dos clássicos. É membro nacional da Academia dei Lincei, desde 1966 e membro correspondente da British Academy, desde 1965.

Em 18 de Julho de 1984 é nomeado senador vitalício pelo presidente Sandro Pertini.

Norberto Bobbio faleceu em 9 de janeiro de 2004, em Turim, aos 94 anos de idade. E no ano passado foi lembrado seu centenário de nascimento.

## “Caminhamos rumo a uma inteligência coletiva”

Para o renomado teórico da comunicação Jesús Martín-Barbero, os países latino-americanos entendem melhor do que o mundo individualista o que começa a se chamar de inteligência coletiva

POR CAROLINA ROJAS E GRAZIELA WOLFART | TRADUÇÃO DE MOISÉS SBARDELOTTO

“**H**oje, pensar a globalização não é só pensá-la em termos culturais, mas também na repercussão das transformações dos modos de produção e dos modos de circulação dos produtos”. A opinião é do pesquisador colombiano Jesús Martín-Barbero, em entrevista concedida pessoalmente para a jornalista Carolina Rojas, realizada em Bogotá, especialmente para a revista IHU On-Line. Para Barbero, “não podemos pensar as grandes transformações dos meios sem pensar que boa parte dessas transformações esteve ligada às transformações do casal, da família, das relações pais-filhos, adultos-adolescentes. Aqui, houve mudanças muito mais de fundo”.

Jesús Martín-Barbero nasceu em 1937, em Ávila, na Espanha, mas vive na Colômbia desde 1963. É um teórico colombiano, pesquisador da Comunicação e Cultura e um dos expoentes nos Estudos Culturais contemporâneos. É autor do livro *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia* (Rio de Janeiro: UFRJ, 1997) e professor do Departamento de Estudos Socioculturales, em Guadalajara, no México.

Carolina Rojas é assistente da Jescom Colômbia, com mestrado em Relações Internacionais, pela Pontifícia Universidade Javeriana. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Como o senhor vê a relação entre os meios de comunicação e a multiculturalidade do continente latino-americano? Considera que o local está dando lugar ao global ou há simbiose entre os dois?**

**Jesús Martín-Barbero** - A questão que me parece estar no fundo dessa pergunta tem a ver com uma velha obsessão dos estudiosos de comunicação em torno da homogeneização cultural que os meios produzem. E que levou a que, de alguma maneira, se construa uma ideia, a meu ver, falsa, e que foi, sobretudo, questionada por um brasileiro, Renato Ortiz<sup>1</sup>. A “alternati-

va” não é uma cultura global, não é a existência de uma só cultura mundial, porque, na realidade, embora haja aspectos da vida que são homogeneizados, há outros aspectos da vida que continuam sendo fortemente diferenciados, distintos. E é disso mesmo que a publicidade se encarrega, assim como a quantidade de tipos de emissoras de rádio que temos - acabou-se aquela emissora generalista -, a explosão de canais de televisão dedicados a temáticas muito diferentes culturalmente. Então, eu diria que o nosso continente não vive de uma maneira muito diferente de como os outros estão vivendo. A diferença tem a ver com o fato de que, para piorar no caso dos nossos países, o que temos é, por exemplo, uma televisão privatizada, sem alternativa de televisão pública a sério. Não essas televisões públicas educativo-culturais, que não estão interpelando a maioria das pessoas que vê a televisão privada. Na Europa, há

televisão pública que é uma alternativa em noticiários, em opinião, em debate, em tudo o que a nossa televisão não tem. Então, aí o problema não é dos meios. É da concepção que existe em nossos países de que o público, em rádio ou em televisão, tem que ser cultural ou educativo, quando o privado criou os gêneros e os formatos mais importantes em termos de fazer com que o país caiba na televisão.

### Pensar em termos de uniformização

Então, de um lado, há uma solução, que é pensar tudo em termos de uniformização. E, na realidade, o que estamos vivendo, para o bem ou para o mal, é uma nova consciência da diferença cultural e um reconhecimento muito maior à diversidade cultural dos nossos países. Digo “para o bem ou para o mal” porque, em certos casos, por exemplo, parte dos setores afro-colombianos está bastante radicalizado, mas isolando-se. Ou seja, os indígenas

<sup>1</sup> Renato Jose Pinto Ortiz: graduado em Sociologia pela Université de Paris VIII, mestre em Sociologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales e doutor em Sociologia/Antropologia pela mesma instituição. Atualmente é professor da Universidade Estadual de Campinas. Entre seus livros publicados citamos: *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*; *A Moderna Tradição Brasileira*; *Mundialização e Cultura*; *O Próximo e o Distante: Japão e modernidade-mundo*; *Mundialização: saberes e crenças*; *A Diversidade dos Sotaques: o inglês e as ciências sociais* (todos pela Ed. Brasiliense). (Nota da IHU On-Line)

sempre tiveram, no caso colombiano, uma história mais nobre, que eram os antepassados destas terras. Mas os negros não, porque vieram da África e, ainda mais, como escravos. Então, vemos claramente como na Constituição de 1991 os índios estiveram presentes, mas os afros não, porque não tinham a envergadura política que os índios já haviam adquirido. Agora, isso os leva - e é algo que eu gostaria de propor - a certos movimentos de implosão, de fechamento em si mesmos, que é o que se está vivendo nos Estados Unidos: os guetos.

O que eu dizia é que essa pergunta tem que assumir que a relação entre meios e multiculturalidade é uma relação complexa. Não é uma relação entre a multiculturalidade real e a uniformização que vem dos meios. Porque, na realidade, há uma uniformização muito maior por parte de certas políticas de Estado do que das imagens dos próprios meios, que continuam sendo muito uniformizadoras ou muito desvalorizadoras da diferença de certos tipos de níveis culturais. Então, é uma relação complexa. Mas o que é preciso descartar de entrada é que os meios estão produzindo essa espécie de cultura do mundo, porque isso não existe. O que existe, como propôs Renato Ortiz, é uma mudança profunda nas condições de vida de nossas culturas locais, de nossas culturas indígenas, de nossas culturas negras, de nossas culturas regionais, das culturas de gênero, porque é o próprio piso cotidiano dessas culturas que a globalização está movendo. Então já não é aquela visão que identificava uniformização com invasão de produtos. Não, não. Hoje, a coisa é muito mais complexa.

A relação local-global, sim, é uma relação conflitiva. Antes, não estávamos preparados para essas mudanças que estão ocorrendo quando o global, a globalização, já não é o imperialismo invasivo que nos era apresentado nos horários de maior audiência pelas séries norte-americanas, de Columbus a The Streets of San Francisco, por exemplo. Não. Realmente, a presença de programas norte-americanos na nossa televisão nacional é mínima,

praticamente nenhuma. Ou seja, hoje, produzimos não os 50%, 60% que eram exigidos. Agora, produzimos 80%, 90%, 100%. A única programação que importamos são telenovelas de outros países latino-americanos.

### Pensar em termos trabalhistas

A relação local-global é muito conflitiva porque deveríamos pensar o global, não só em termos culturais, mas também o que ele significa em termos empresariais, em termos trabalhistas: ou seja, toda essa nova organização da produção que faz com que a patente seja alemã, que a madeira seja chinesa e que os barcos sejam produzidos no Japão. Falo deste rompimento da unidade de produção: as matérias-primas são daqui, e lá estão as fábricas que as transformam e as convertem em produtos, e a publicidade, se for o

## “O nosso continente não vive de uma maneira muito diferente de como os outros estão vivendo”

caso, pode vir de outros lugares. Hoje, pensar a globalização não é só pensar em termos culturais, mas também na repercussão das transformações dos modos de produção e dos modos de circulação dos produtos. Penso, sobretudo, nos modos de circulação das imagens dos produtos, não tanto dos próprios produtos. Porque o que encontramos hoje é que o design de moda, que não existe só para a classe alta, mas em lojas de redes para a classe média, também se beneficia de toda uma publicidade para anunciar essa loja, que é de classe média, que está no mundo inteiro, mas que, sem dúvida, tem uma série de ingredientes transnacionais. Ou seja, eles sabem, pouco a pouco, encontrar formas de encaixe, digamos, dos gostos do país. Esse jogo, de novo, é muito complexo, porque propõe conflitos. As pessoas se sentem deslocadas. Há dimensões

com uma carga de globalização, não só econômica, mas de design, muito forte. O conflito mais forte está no mundo do trabalho. Hoje, os chineses nos roubam fábricas, porque a mão-de-obra é muito mais barata lá, e não existem sindicatos. Então, o conflito mais forte não é em nível cultural. Nesse sentido, a dimensão que tem mais problemas hoje é a do patrimônio local. É um problema muito sério.

### IHU On-Line - Os meios de comunicação se transformam diante de nossos olhos. Quais foram os principais avanços e retrocessos na América Latina nas últimas décadas?

Jesús Martín-Barbero - É difícil generalizar, porque inclusive as transformações que os meios estão vivendo não são as mesmas no Brasil, na Colômbia, na Bolívia ou em El Salvador. Há algumas transformações muito fortes que, de alguma maneira, começam antes do que poderíamos chamar de mundo digital, ou seja, o fato de que as emissoras começaram a ser emissoras por setores, por faixas de idades, de interesses, o mesmo que aconteceu com as revistas. Mas agora há uma multiplicidade que tem a ver com gênero, com idades, com humor. Há uma diversificação enorme. Isso, de alguma maneira, já mudou, muito fortemente, o que era a relação das pessoas com os meios: aquilo de que o rádio e depois a televisão foram os ordenadores da temporalidade na família - aquilo que se via ou se escutava de manhã, de tarde, o que era para as crianças, o que era para os velhos. Quando a televisão ficou mais barata, meu filho, aos 14 anos, economizou e comprou seu televisor, com todo o direito. Ou seja, a televisão havia chegado a ser realmente o lugar de encontro da família, mesmo que esse encontro fosse como fosse. Uma coisa era a mesa, onde todos estavam se olhando, e outra coisa era todos sentados enfileirados olhando para a tela. E, no entanto, a televisão servia para debater. Por isso, na família, havia debate. Se na família não houvesse debate, a televisão ficaria sozinha, ou seja, ela impõe sua própria forma.

## A comida como ritual simbólico de uma unidade familiar

Não podemos pensar as grandes transformações dos meios sem pensar que boa parte dessas transformações estiveram ligadas às transformações do casal, da família, das relações pais-filhos, adultos-adolescentes. Aqui, houve mudanças muito mais de fundo. Quando eu era criança, o ato de comer e o horário da comida eram os mais sagrados da casa. Se alguma coisa ou alguém faltava, era a maior ofensa à autoridade patriarcal. Era um ato religioso, um ato sagrado, um ritual, porque era muito mais do que comer. Era uma experiência de pôr em cena a autoridade familiar: o pai na cabeceira, a mãe, e as crianças, que não falavam na mesa. Eu posso atribuir ao McDonald's algo que está ligado hoje ao fato de que a maioria das mulheres trabalham, não ficam em casa fazendo comida. As pessoas chegam em casa às 19h, 20h, depois de oito horas de trabalho e depois, possivelmente, de uma hora de ônibus ou de meia hora de carro. O que elas menos têm vontade é de celebrar alguma coisa. O que era a comida familiar como celebração da família patriarcal se foi. Veja: "Comamos alguma coisa preparada, algo que possamos colocar no micro-ondas e, além disso, assistir televisão, não para ver nada, mas para deixarmo-nos massagear pelas imagens, relaxar e dormir". Ou seja, o que mudou foi a família, foi o casal, com o trabalho da mulher, com as novas relações entre homem e mulher, com as novas relações entre filhos e pais, que onde menos estão é na hora da comida. Pode ser que estejam na casa, mas assistindo televisão, fazendo as tarefas. A hora da comida já não tem sentido, senão no fim de semana - se for o caso. Então, não é o McDonald's que pode me explicar, absolutamente. Pelo contrário, cada vez há mais cozinha colombiana. Ou seja, são informações falsas. O fato de que exista McDonald's ou qualquer outro tipo de comida-lixo não significa que está desaparecendo a cozinha. O que está mudando é o que significa comer juntos, a comida como ritual simbólico de uma unidade familiar. Porque nem

a unidade tem tanta unidade como tinha antes, e não por mal.

## A mudança pela igualdade

Uma das coisas que tenho visto nos últimos anos é que, antes, os que ganhavam bolsas de estudos eram os homens. E a namorada, se queria continuar com o rapaz, tinha que ir para onde o seu namorado ia estudar e ver se encontrava algum tema interessante de estudos. Hoje em dia, elas têm projeto próprio, pessoal. Então, se o casal não encontra uma forma de estudar cada um no seu tema, mas no mesmo lugar, o relacionamento acaba. Então, alguns podem dizer: "É que

**“O que estamos vivendo  
(...) é uma nova  
consciência da diferença  
cultural e um  
reconhecimento muito  
maior à diversidade  
cultural dos nossos  
países”**

agora até o amor é efêmero". Não. Quando o amor era com uma mulher "escrava", era mais fácil, era menos complexo, menos precário. Mas quando são duas liberdades de verdade, que tentam se respeitar, a relação é muito mais precária, muito mais vulnerável, não por maldade, pelo contrário: por igualdade, de verdade. Isso é muito importante. As transformações dos meios não são só as grandes transformações tecnológicas, mas sim o lugar que ocupavam na temporalidade da família, na espacialidade da casa. No computador, eu posso ver televisão. A maior mudança será quando tivermos Internet na televisão. Estamos às portas disso. Isto é, toda uma forma de organização da grade, da programação correspondente a tempos do dia, tem-

pos da semana, a idades, tudo isso vai desaparecer. Mas, repito: isso não é só um fato técnico. Antes, é um fato cultural profundo: como estão se transformando as relações das pessoas com as tecnologias? Aí está uma das coisas mais importantes: a imensa maioria da classe pobre, em Bogotá, tem celular. Porque os membros da família estão deslocados: o pai trabalha em uma ponta de Bogotá; a mãe, em outra; um filho está no colégio; o outro, em outro bairro. A única maneira de sobreviver com um mínimo de união familiar é saber onde estão os outros. Então, os pais utilizam o telefone só para saber onde os filhos estão. Mas os filhos, nos finais de semana, começam a colocar no celular o álbum de fotos da família, começam a colocar relatos do avô, músicas que gostam. Por exemplo, a música do rádio. A música hoje pode estar no telefone celular, e com os seus fones você não incomoda ninguém. É preciso prestar atenção neste deslocamento, nesta deslocalização: o rádio estava em um lugar chave, nobre da sala. Hoje em dia, já existem aparelhos com um monte de horas de gravação. Você deixa programado, porque há coisas que você quer ver, e você está na universidade trabalhando ou estudando ou está fazendo outras coisas, mas você pode gravar. Isto é, rompe o horário do meio. Antes, pelo contrário, o meio lhe impunha horários. Desde pequenos, nós almoçávamos ouvindo o noticiário oficial da Rádio Nacional da Espanha, às 14h. E não podíamos conversar, porque era preciso escutar. É preciso pensar não só o que as novas relações entre tecnologias analógicas e novas tecnologias digitais apresentam, mas também, principalmente, as transformações nos modos de uso, nos modos de relação com os meios, porque aquilo que neles configurava a nossa vida está ao revés: agora, são as demandas da nossa própria vida que põem os meios ao serviço desses horários.

**IHU On-Line - Com a chegada da Internet podemos falar de uma inteligência coletiva?**

**Jesús Martín-Barbero -** Esse é um

tema que me parece estratégico e fundamental. Porque, de fato, nós viemos de uma concepção de ciência que trata o conhecimento como o elemento mais valioso, muito ligado ao pesquisador indivíduo, aos gênios. Ensina-se a física a partir de Galileu, Newton... E não há processos, não há equipes. No ano passado, inclusive, o Prêmio Nobel de Física foi para um francês. E uma colombiana, que havia trabalhado muito com esse francês e que havia sido parte chave de uma de suas descobertas, não apareceu, porque o Prêmio Nobel não é dado a equipes. Quando muito, é dado a um casal, como o de Economia deste ano, porque uma delas, a que ganhou o Prêmio Nobel, não era economista, era politóloga. Então foi preciso dar a uma economista. Ou seja, tanto nas formas públicas, quanto dentro das instituições, temos a visão de que o saber, com a modernidade, se individualizou. No fundo, são pessoas sábias. De alguma maneira, os países europeus conservaram, sim, mas muito de longe, aquilo que, por aqui, continuava existindo: saberes coletivos, saberes de experiência social, por exemplo, os saberes medicinais dos índios, dos camponeses. Para que seja um conhecimento verdadeiro, não precisa ter mil anos. Então, os países latino-americanos podem entender melhor do que o mundo individualista, norte-americano, aquilo que começa a se chamar de inteligência coletiva, e sobre o qual, principalmente em termos teóricos, Pierre Lévy<sup>2</sup> trabalhou.

Aí coincidem e se encontram dois horizontes. Um é que, de um lado, existem comunidades que foram fontes de saber médico, de desenho, de cores, de cozinha, de saúde. Mas, claro, isso normalmente, em tese, na antropologia, na própria universidade, não foi legitimado como saber. Ou seja, isso continua aparecendo como algo que pertence à outra época, não à nossa. Foi preciso que os “gringos” e os europeus viessem para ver que, sim, havia saberes que eram comercializáveis, exploráveis do ponto de vista vendável. Isso deveria nos chocar

<sup>2</sup> Pierre Lévy (1956): filósofo da informação que se ocupa em estudar as interações entre a Internet e a sociedade. (Nota da IHU On-Line)

**“A noção do natural que a Igreja utiliza hoje, perdoe-me, é absurda, porque o que somos é todo o contrário do natural. A história do ser humano foi a de ir rompendo os determinismos do natural para ser livre, em todos os sentidos”**

porque o saber das comunidades teve muito menos a ver com o saber da escola do que com o saber do seu grupo social, camponês, urbano. E que tinha a ver com experiências, a partir das quais se aprendem coisas. Isto é, a forte visão coletiva e popular de que todo saber, mesmo que esteja depositado em uma pessoa, que de alguma maneira o implementa, o distribui, é um saber que pertence a todos.

### Tecnologias colaborativas

Se as novas tecnologias digitais têm algo de realmente inovador é o fato de serem, como as chama Peter Sloterdijk<sup>3</sup>, um filósofo alemão, tecnologias colaborativas. A questão da Internet é se você sabe conversar com outros, tanto com seus amigos, seus colegas, como com todos os outros que estão aí. Ou seja, são tecnologias relacionais. Meus alunos me contaram que os rockeiros do mundo não descobriram, mas criaram uma notação musical diferente do solfejo. Eles não são

<sup>3</sup> Peter Sloterdijk (1947): filósofo alemão. Desde a publicação de *Crítica da razão cínica* (Kritik der zynischen Vernunft, 1983) é considerado um dos maiores renovadores da filosofia atual. Em 2004 encerrou sua trilogia *Esféras* (Sphären), cujos primeiros volumes haviam sido publicados em 1998 e 1999. Interessado na mídia, dirige *Quarteto filosófico*, programa cultural da cadeia de televisão estatal alemã ZDF. (Nota da IHU On-Line)

contra o solfejo, muito deles sabem de solfejo: brancas, fusas, pretas, semifusas, colcheias etc. Mas, para poder trabalhar juntos na Internet, é mais fácil para eles ter uma notação não tão complexa como a do solfejo. É um fato que aparece em sua versão mais light, mais imoral, no copy-paste dos estudantes: cortam e colam. Isso, mesmo assim, é, de alguma maneira, um exercício de intertextualidade que apela a inteligências que colaboram, mesmo que seja nesses termos light.

Hoje em dia, os cientistas já estão falando não de laboratórios, mas sim de co-laboratórios.

Certamente, caminhamos rumo a uma inteligência coletiva, já não só a partir do saber coletivo de nossas comunidades, mas também de novos modos de produzir conhecimento coletivamente, em todos os níveis. Há um sociólogo alemão, Ulrich Beck<sup>4</sup>, que propõe que a grande crise da sociedade moderna é a especialização, a ultra, a hiperespecialização. Porque hoje em dia, por causa da ecologia e de outras coisas, estamos diante de problemas muito complexos, que, pelo contrário, o que se precisa é de muita interdisciplinaridade. Ele diz mais: não só interdisciplinaridade entre saberes científicos, mas também entre saberes que vêm do procedimento científico e saberes que vêm da experiência social. E não vamos conseguir solucionar os problemas se não juntarmos esses dois tipos de saberes, essas duas inteligências coletivas: a da experiência social e a da produção do conhecimento “científico”.

**IHU On-Line - A tendência à esquerda dos governos da América Latina foi orientada pelo acesso à informação através dos meios de comunicação?**

**Jesús Martín-Barbero** - Em primeiro lugar, dizer esquerda na América Latina quer dizer 70 coisas... Porque para mim,

<sup>4</sup> Ulrich Beck: sociólogo alemão da Universidade de Munique. Autor de *A sociedade do risco*. Argumenta que a sociedade industrial criou muitos novos perigos de risco desconhecidos em épocas anteriores. Os riscos associados ao aquecimento global são um exemplo. Confira na edição 181 da revista IHU On-Line, de 22-05-2006, intitulada *Sociedade do risco. O medo na contemporaneidade*, a entrevista *Incertezas fabricadas*, concedida por Beck com exclusividade a nós. O material está disponível para download em <http://migre.me/SOV5>. (Nota da IHU On-Line)

de esquerda, é Lula, Bachelet<sup>5</sup>, mas de esquerda também é Chávez e Evo, e são diferentes. Então, eu não atribuiria, em primeiro plano, os desvios ideológicos e políticos à informação, como causa. Não gosto de falar na esquerda dos governos, mas de certa consciência cidadã que recolhe certos postulados da melhor esquerda, ou seja, o reconhecimento de direitos, não só culturais, mas sociais, políticos, por exemplo, às mulheres, aos homossexuais. Isso é esquerda, isso é libertário, isso é emancipador. O melhor dessa esquerda teve a ver com uma maior informação e também com uma inteligência coletiva que colocou a informação em circulação. Ou seja, o movimento feminista começa com umas poucas “loucas”, na Inglaterra, do século XIX, que começam a questionar o mundo patriarcal, porque era um mundo que escravizava, que pisoteava, que destruía a metade da humanidade. Então, essas mulheres pioneiras inglesas colocaram, sim, em circulação certa informação, inclusive biológica, que invalidava muitos postulados religiosos, naturalistas. Porque a religião acaba fazendo da natureza como se fosse algo que realmente Deus manda, quando, na verdade, o ser humano foi transformando a natureza. O ser humano deixou a caverna e pintou e matou animais e transformou radicalmente a natureza. A noção do natural que a Igreja utiliza hoje, perdoe-me, é absurda, porque o que somos é todo o contrário do natural. A história do ser humano foi a de ir rompendo os determinismos do natural para ser livre, em todos os sentidos.

Então, é muito importante, por exemplo, para certa dignificação dos homossexuais, o fato de saber o que já foi alcançado na Espanha, no México. Isso não tem a ver com a esquerda política, mas sim com essas outras esquerdas sociais, culturais, que acabam tendo evidentemente peso político, mas que não se vêem representadas em suas lutas, neste momento, nas esquerdas mais visíveis, mais cenográficas. Para exercer a cidadania, é pre-

5 Verónica Michelle Bachelet Jeria (1951): médica e política chilena. Foi presidente da República do Chile de março de 2006 a março de 2010, e, desde 23 de maio de 2008, é também presidente da União de Nações Sul-Americanas. (Nota da IHU On-Line)

**“Certamente,  
caminhamos rumo a  
uma inteligência  
coletiva, já não só a  
partir do saber coletivo  
de nossas comunidades,  
mas também de novos  
modos de produzir  
conhecimento  
coletivamente, em  
todos os níveis”**

ciso conhecer seus direitos. Mas, hoje em dia, a armadilha de certa esquerda é uma massificação dos direitos, que chegou até essa aberração que estamos a ponto de viver na Colômbia, porque realmente - citemos a terceira eleição de Uribe - o que vão nos apresentar é que o Estado de opinião - absolutamente fabricada, mas em uma alta porcentagem pelos meios, que fazem com que as pessoas digam o que já está implícito na pergunta - vai ser mais legítimo do que o Estado de direito, o que é uma aberração.

#### **Uma desinformação produzida**

O que há é uma desinformação, produzida e buscada - o caso da Nicarágua é o que há de mais triste no mundo. Esse homem que hoje manda na Nicarágua foi um dos que fizeram a revolução, depois saiu com a extrema direita para chegar ao poder, um presidente que roubou muito, que estava na prisão e foi tirado de lá. Em termos de governo, a palavra esquerda é o que há de mais ambíguo e perverso. Porque, para mim, por onde a esquerda vai, com todas as suas contradições, é pela linha de Lula e depois a linha de Bachelet, ou inclusive no Uruguai, com Tabaré e agora Pepe. E são pessoas que estão sabendo negociar, em termos políticos, com um funcio-

namento da economia, a qual, se você não a administra, ela lhe administra, como está acontecendo com Chávez.

Vendo pelo lado de uma certa cultura política nova, emancipatória - que está ligada a uma nova circulação de informação, a um acesso a muitas informações, não nos jornais, mas na rede principalmente: nos blogs, nos grupos -, começa a circular muita informação. Por exemplo, se alguém quiser saber e não está por dentro do que acontece na Colômbia, que entre no El Tiempo, ou no La Silla Vacía, que entre em um monte de páginas web que existem hoje, feitas por jornalistas colombianos e por gente comum, cidadãos, que têm tanta ou mais capacidade de pensar o país do que os jornalistas profissionais.

#### **IHU On-Line - Nesse sentido, tendo-se em conta os debates do Mutirão da Comunicação, em que aspectos se poderiam relacionar a cidadania e a comunicação na América Latina?**

**Jesús Martín-Barbero** - Existem dois grandes aspectos, dois grandes planos, nos quais podemos relacionar hoje os avanços das relações entre cidadania e comunicação. Um é o crescimento e a potenciação dos meios comunitários, ou seja, o crescimento da quantidade de emissoras de rádio comunitárias, dos canais de televisão locais, ligados a um certo projeto - embora a televisão seja muito mais protegida pelo Estado, porque é muito mais perigosa do que o rádio. Por um lado, há um crescimento que começa a criar uma rede cidadã de espaço público de debate sobre tudo aquilo que não cabe nos meios privados. Mas, além disso, esse crescimento dos meios tem a ver também com uma transformação. Há 30 anos, havia uma visão ainda muito utópica dos meios populares, alternativos, como o slogan que ficou dos anos 60 dos “pequenos formosos”, ou seja, quanto menor o meio, mais livre, mais belo e mais puro era. Quando começava a crescer, se tornava mais massivo, se pervertia. Havia uma visão muito romântica, muito purista, pois, para que os meios se conservassem sendo fiéis às pessoas, às suas demandas, tinham que ser pequeninhos. Isso mudou, foi superado. Hoje em dia, na Colômbia, mais do que meios comunitários, falamos de meios cidadãos. E qual a diferença en-

tre aqueles meios populares, alternativos, e os meios comunitários cidadãos? Eu diria que a grande diferença é esta, de fundo, não só de conteúdo, mas de forma: já não são, principalmente no caso do rádio, só emissoras locais. Isto é, os temas já não são apenas aquilo que acontece na vida cotidiana do povoado, do bairro ou da cidade. Já não são só locais. Têm a ver muito com o local, mas querem ter voz para falar da cidade inteira, do país inteiro. Essa é a mudança. Para mim, o que designa as emissoras cidadãos é que não são cidadãos só de um lugar, de um município. São cidadãos de um país, de uma nação, que têm coisas a dizer para um país. E é isso que o Estado não deixa.

O outro aspecto tem a ver com a Internet, que começa a desempenhar um papel chave também. É outro modo de comunicação. A maioria das emissoras, incluindo as indígenas, baixa programas de outros canais, de outras emissoras da América Latina, inclusive da Espanha. Foi feita uma pesquisa para ver que programas dos quais os índios haviam baixado de outras emissoras, do país ou de outros países, que eles haviam gostado mais. Evidentemente, a pesquisa foi feita com jovens, que são aqueles que levam adiante as emissoras. O programa que ganhou, entre os índios, foi um sobre rock, feito por uma ONG de Buenos Aires, que se chama La Tribu, que tem uma das emissoras comunitárias mais famosas da cidade. Ou seja, toda a visão folclorista, de que os índios vivem do passado é algo que não se aplica mais. Eles vivem do presente mais presente. Então, essa é outra dimensão de comunicação e cidadania. Hoje, a cidadania já nem sequer é o país. Ou seja, há uma interação cidadã através da Internet, que lhes permite conversar à sua maneira com experiências, com visões de mundo, com propostas para seu país que são de outros países. Isso enriquece enormemente o sentido de não fechamento, de não pró-indigenismo dos meios cidadãos.

**IHU On-Line - De que maneira a tríade de Habermas - modernização, modernismo e modernidade - é uma categoria que nos ajuda a entender a ética dos meios de comunicação na América Latina?**

**“Há uma interação cidadã através da Internet, que lhes permite conversar à sua maneira com experiências, com visões de mundo, com propostas para seu país que são de outros países. Isso enriquece enormemente o sentido de não fechamento, de não pró-indigenismo dos meios cidadãos”**

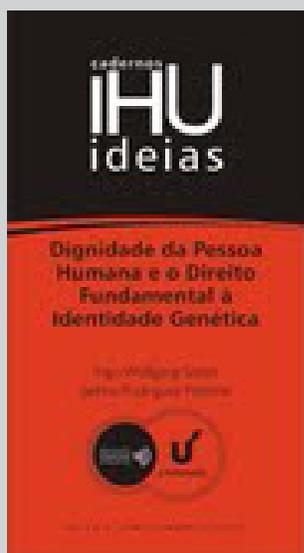
**Jesús Martín-Barbero** - Habermas<sup>6</sup> tem outro tipo de conceitos que ajudaria mais a entender o ethos latino-americano da comunicação, ou seja, tanto a ética quanto um pouco a maneira de ser dos latino-americanos. Em todo o caso, para mim, essa trilogia está superada. Ou seja, vivemos opondo modernização econômico-tecnológica ao modernismo cultural e à modernidade política. Na realidade, claro que houve três faces entre o ponto em que os diversos países estavam e uma certa diversidade de modernidades. Ou seja, a Argentina teve as três modernidades, tanto a modernidade

<sup>6</sup> Jürgen Habermas (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve contruir-se pela troca de ideias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. Confira no site do IHU, [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br) nas Notícias do Dia, o debate entre Habermas e Joseph Ratzinger, o Papa Bento XVI. Habermas, filósofo ateu, invoca uma nova aliança entre fé e razão, mas de maneira diversa como Bento XVI propôs na conferência que realizou em 12-09-2006 na Universidade de Regensburg. (Nota da IHU On-Line)

econômico-técnica dos anos 50, como a modernidade política, assim como o modernismo cultural. Nos anos 50! Nenhum outro país chegou de modo tão completo em termos de modernidade ao século XX. Esses termos deram lugar a oposições maniqueístas, que também não funcionam. Claramente, o que a América Latina viveu são histórias de processos tanto de modernização técnico-econômica, quanto de modernidade cultural e política, muitos diferentes. Não há nenhum país que não tenha vivido algum tipo de relação entre o mais material da modernização com as dimensões mais espirituais da modernidade e do modernismo.

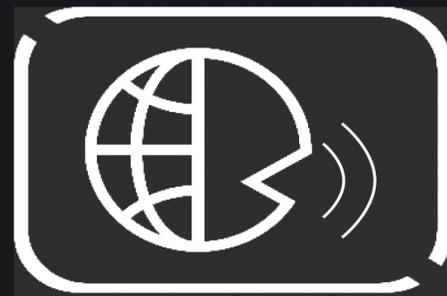
Eu sou muito crítico do livro de três mil páginas que Habermas escreveu em dois volumes sobre a filosofia da comunicação. Basicamente por duas coisas: uma, porque ele reduz a comunicação ao que é pensável em termos de linguagem humana. Há uma visão muito otimista de como a linguagem humana condensa o melhor do que temos em comum. Na verdade, condensa o melhor e o pior, condensa o que possibilita que nos entendamos, como também aquilo que possibilita que nos enganemos. E, outra, é que a visão de Habermas é uma visão muito do consenso, de uma ética da linguagem, da comunicação, mediante as regras do jogo da linguagem humana, que vai nos permitir chegar sempre a negociações. Isso não é verdade. Acredito que há dimensões de conflito social, político, cultural que não se solucionam nesse nível. Então, por um lado, eu questiono essa visão idealizada das potencialidades negociadoras e do consenso da linguagem humana. E há uma segunda crítica que eu lhe faço: nessas quase três mil páginas, como se pode pensar a comunicação hoje, na sociedade contemporânea, sem nenhuma palavra sobre a tecnologia? Não há nenhuma palavra sobre a tecnologia. Então, eu questiono radicalmente a incapacidade de Habermas de se encarregar de como o pensamento filosófico havia avançado através de Heidegger sobre a técnica. E depois quem percorreu esse caminho é seu grande polemista hoje, que é Peter Sloterdijk, um filósofo alemão, que faz um debate muito forte sobre teoria da comunicação e teoria da técnica com Habermas.

# CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA

WWW.IHU.UNISINOS.BR



## Sociologia do Espírito, Economia Política da Comunicação e luta epistemológica

POR CÉSAR BOLAÑO\*

Nos últimos tempos, estou empenhado em recuperar o pensamento de Celso Furtado para o campo da Economia Política da Comunicação, mais especificamente o seu conceito de Cultura fortemente influenciado pela obra de Karl Mannheim, o célebre autor de *Ideologia e Utopia*. No primeiro dos três ensaios que constituem a *Sociologia da Cultura*, obra posterior, produzida também na década de 1930, preocupado com uma definição unificada da sociologia - entendida como ciência das formas associativas - e da sociologia das ideias, o autor define o que chama de “sociologia do espírito” - situando-a na longa tradição da filosofia e da sociologia alemãs - “como contrapartida da ciência da sociedade”, incluindo a sociologia do conhecimento e a sociologia da cultura: “a sociedade é o denominador comum entre interação, ideação e comunicação, a sociologia do espírito é o estudo de funções mentais no contexto da ação”.<sup>1</sup>

A comunicação encontra-se, portanto no centro da análise da cultura.<sup>2</sup> Mais: o objeto da sociologia

1 MANNHEIM, Karl. *Sociologia da Cultura*, São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 6. (Nota do autor)

2 O autor faz uma interessante análise da gênese mística e religiosa do conceito de espírito e as consequências sobre o pensamento alemão da opção pela expressão *Geist* em vez do sinônimo *Kultur*, ao manter a ambivalên-

do espírito não é outro senão “a dimensão social da comunicação de significados”.<sup>3</sup> Ainda segundo Mannheim, o primado da infraestrutura sobre a superestrutura nada tem a ver com aquele da matéria sobre as ideias. Na verdade, “ambos os tipos de ação implicam ideação e comunicação”.<sup>4</sup>

Mais uma vez, a comunicação está no centro da definição de sociedade e, neste caso, da relação entre economia e cultura. É importante lembrar isto porque, embora Furtado tenha uma sofisticada teoria da cultura, determinante da sua economia política, o conceito de comunicação não está, salvo melhor juízo, explicitado. Os reconhecidos elos entre sua teoria e a contribuição de Mannheim alertam para esta profícua interação entre Economia Política, Comunicação e a Sociologia

da cultura como patrimônio cumulativo e, ao mesmo tempo, estado de revelação espiritual. No ponto de chegada, “a moderna reinterpretação do conceito de espírito [...] passa a significar algo próximo da ideia de razão” (MANNHEIM, Karl, op. cit. p. 44) do Iluminismo. Na síntese hegeliana, o conceito de cultura abrange implicitamente “sua interpretação racional sob a forma de uma herança exteriorizada e disponível, mas que também retém a primitiva imagem de atos coletivos e dinâmicos” (Ibid.), como nas concepções espiritualistas de êxtase comunal ou de comunhão espiritual. (Nota do autor)

3 Ibid., p. 37. (Nota do autor)

4 Ibid., p. 19. (Nota do autor)

\* Professor da Universidade Federal de Sergipe (UFS), onde coordena o Observatório da Comunicação (OBSCOM), doutor em Economia pela UNICAMP, presidente da ALAIC e membro do Grupo de Pesquisa CEPOS (apoiado pela Ford Foundation). E-mail: <bolano@ufs.br>.

da Cultura e do Conhecimento. Dada a importância da obra de Mannheim para a Epistemologia, a Economia Política da Comunicação (EPC) poderá encontrar aí uma interessante fonte de inspiração e de legitimidade no interior do campo da Comunicação no seu conjunto, como um rico programa internacional de pesquisa (no sentido de Lakatos) que é.

A contribuição de Furtado em particular - um ícone do pensamento social latino-americano - é chave nesse sentido. Há duas estratégias político-epistemológicas em disputa hoje nas chamadas Ciências da Comunicação: a crítica, no interior da qual se inclui a EPC, e outra que se aferrará cada vez mais a uma espécie de positivismo de segunda mão, transformado em *pièce de résistance* da reação, digamos, escolástica ao avanço do pensamento crítico. Do ponto de vista da EPC brasileira e latino-americana, a recuperação do grande pensamento social do subcontinente - em diálogo com outras escolas, mas especialmente com outros enfoques críticos produzidos no hemisfério sul - é crucial. A corrente dominante, ao contrário, procurará, em geral, o conforto da adesão servil às modas intelectuais vindas do norte.

Há, por certo, importantes diferenças entre a EPC brasileira e a sociologia do espírito de Mannheim, mas ambas dividem uma herança comum que está no cerne da *Fenomenologia do*

*Espírito* de Hegel, a qual fornece “um denominador comum a certos problemas epistemológicos: as ideias têm um

**“A comunicação está no centro da definição de sociedade e, neste caso, da relação entre economia e cultura. É importante lembrar isto porque, embora Furtado tenha uma sofisticada teoria da cultura, determinante da sua economia política, o conceito de comunicação não está, salvo melhor juízo, explicitado”**

significado social que não é revelado por sua análise frontal e imanente”.<sup>5</sup> Segundo o autor, o que permanece

<sup>5</sup> Idem, p. 2. (Nota do autor)

vivo em Hegel (e isso valeria também para Marx) é “sua aguda consciência de situações, e não a tradição sectária que seguiu seu rastro”.<sup>6</sup>

É esse realismo epistemológico não sectário, justamente, o que distingue a análise que a EPC faz do fenômeno, por exemplo, das TIC, das elucubrações que constituem a maior parte da produção pós-modernista que inunda o campo da Comunicação na matéria. Permito-me referir-me a minha própria interpretação do problema, centrada no conceito de “subsunção do trabalho intelectual”, definido sobre a base de uma leitura d’*O Capital* e outros trabalhos do próprio Marx, como os *Grundrisse*, ou o *Capítulo VI Inédito* (uma definição marxiana, diriam).

A leitura posterior do trabalho *soi disant* marxista dos pós-modernistas espinozianos Negri e Hardt sobre o mesmo tema não provocou em mim a identificação e estímulo intelectual que me causou a leitura do segundo ensaio do citado livro de Mannheim - essencialmente weberiano - sobre a *intelligentsia*. Não se trata de interpretar o “intelecto geral” de Marx à maneira exotérica da “inteligência coletiva”, (como na perspectiva liberal de Lévy, da antropologia do cyberspaço), mas sim de entender como se estabelece a hegemonia e, portanto, a função da *intelligentsia*, numa situação de subsunção do trabalho intelectual.

<sup>6</sup> Idem, p. 3. (Nota do autor)

**PPGCC UNISINOS**  
Especialização - Mestrado - Doutorado

Fone: (51) 3591.11.22  
Ramal 1356

*Para a Compreensão da Economia Política da Teledramaturgia*



NÚCLEO DE ANÁLISE DA  
**TELEDRAMATURGIA**

[www.grupocepos.net/nat](http://www.grupocepos.net/nat)

**Contatos:**

[nat@grupocepos.net](mailto:nat@grupocepos.net)

[Val.bri@terra.com.br](mailto:Val.bri@terra.com.br)

[Kalikoske@hotmail.com](mailto:Kalikoske@hotmail.com)

# **XI SIMPÓSIO INTERNACIONAL O (DES)GOVERNO DA VIDA HUMANA**

**13 a 16 de setembro de 2010**

**Informações e inscrições: [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)**

**ou Central de Relacionamento Unisinos - (51) 3591 1122**

**Local: Unisinos • Anfiteatro Pe. Werner • Av. Unisinos, 950 • São Leopoldo • RS**

# IHU: NO BIOPOLÍTICO NA

Apoio:



Promoção:



## Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

**Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)) de 22-6-2010 a 25-6-2010.**



Os impactos da mudança do clima na produção agrícola

Entrevista com Hilton Silveira Pinto, pesquisador da Embrapa

Confira nas Notícias do Dia de 22-06-2010

Disponível no link <http://migre.me/S7zl>

“O calor gerado pelo aquecimento fará com que a produção agrícola de grãos diminua radicalmente em apenas dez anos”, avalia o pesquisador.



José Sarney e o PT

Entrevista com Domingos Dutra, deputado petista

Confira nas Notícias do Dia de 23-06-2010

Disponível no link <http://migre.me/S7Bf>

“José Sarney tem todos os cargos federais do Maranhão, do Amapá, tem o Ministério de Minas e Energias, botou a filha para ser líder do governo, derrotou Tião Viana na presidência

do Senado, derrotou a Ideli Salvatti do PT para colocar o Collor na comissão de Infraestrutura”, constata o deputado petista.



Plano de Ação para a Produção e o Consumo Sustentáveis

Entrevista com Lisa Gunn, socióloga e antropóloga

Confira nas Notícias do Dia de 24-06-2010

Disponível no link <http://migre.me/S7D6>

Para a socióloga, o consumidor precisa de informação e alternativas concretas para poder minimizar as consequências das mudanças climáticas, porém, hoje, “ele não tem, de fato, nem um nem outro”.



A situação do preso no Brasil

Entrevista com Valdir da Silveira, coordenador da Pastoral Nacional Carcerária

Confira nas Notícias do Dia de 25-06-2010

Disponível no link <http://migre.me/S7FR>

“O monitoramento eletrônico é uma punição porque dificulta ainda mais a reintegração social”, diz o coordenador da Pastoral Nacional Carcerária.

# SEMINÁRIO JOGUE ROAYVU: HISTÓRIA E HISTÓRIAS DOS GUARANI

DATA DE INÍCIO: 12/08/2010 DATA DE TÉRMINO: 14/10/2010

INFORMAÇÕES EM [WWW.IHU.UNISINOS.BR](http://WWW.IHU.UNISINOS.BR)



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# C.

## IHU em Revista

## Eventos

### As grandes religiões do mundo e a Ética Mundial: uma proposta didática

Vídeos e banners didáticos sobre as grandes religiões do mundo podem ser adquiridos com o Escritório da Fundação Ética Mundial no Brasil

Um vasto material didático, que retrata os diferentes costumes e particularidades de religiões espalhadas pelo mundo, está disponível na Unisinos. O documento é fruto da viagem de um ano realizada pelo teólogo suíço-alemão Hans Küng e ajuda a compreender, por meio de vídeos e painéis didáticos, a fé dos diversos povos do mundo, para a construção de uma ética comum em busca da paz.

Hans Küng passou pelos cinco continentes, acompanhando e gravando as grandes manifestações religiosas e apresentou o resultado dessa imersão no projeto intitulado “Religiões do Mundo”. Com sede no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, o Escritório da Fundação Ética Mundial no Brasil apresentou esse material durante o ano de

2009 e, agora, fornece esse conteúdo a escolas, associações e grupos. Os interessados podem solicitar o empréstimo ou a cópia dos materiais para serem utilizados como opção didática no estudo das grandes tradições religiosas. Além dos filmes, foi também produzida uma exposição com banners.

Os documentários contemplam as religiões étnicas ou tribais, encontradas ainda hoje na Austrália e na África. São abordadas também as três maiores correntes religiosas presentes no planeta: as religiões da sabedoria de origem chinesa (Confucionismo e Taoísmo), as religiões da mística de origem indiana (Hinduismo e Budismo) e as religiões da profecia de origem no Oriente Médio (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo).

A exposição de banners é composta por 15 painéis que exploram os principais pontos abordados nos vídeos. Os painéis já foram expostos em lugares como a sede da ONU, em Nova

lorque, e também em diversos Estados do Brasil.

A partir de um estudo conjunto feito com o grupo Gestando o Diálogo Inter-Religioso e o Ecumenismo (Gdi-rec), da Unisinos, foi feito aos painéis já existentes o acréscimo de conteúdos de outras duas tradições religiosas: indígenas e as de matrizes africanas.

O IHU oferece esses materiais no formato de sete DVDs dublados e os arquivos digitais para a impressão dos 15 banners. Mais informações podem ser obtidas pelos telefones 3590-8223 ou pelo e-mail [eticamundial@unisinos.br](mailto:eticamundial@unisinos.br).



### Seminário de Políticas Sociais

Nesta quinta-feira, 01-07-2010, acontece o Seminário de Políticas Sociais, com o lançamento concomitante do 3º Caderno Ideação e do DVD. O Seminário dá sequência ao 4º Seminário de Políticas Sociais, que foi realizado em janeiro de 2010 na Unisinos, como uma atividade do Fórum Social Mundial 10 anos.

Este novo seminário é um espaço de publicização dos produtos do 4º Seminário, em vista da disseminação dos seus conteúdos e sensibilização dos agentes das políticas sociais para a materialização da Agenda Mundial

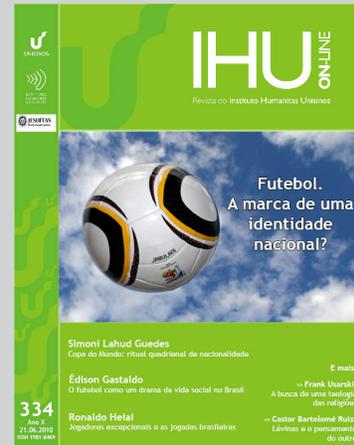
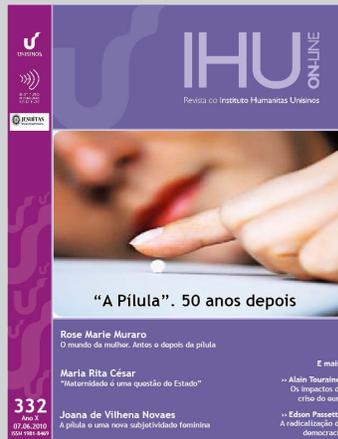
das Políticas Públicas.

O evento inicia às 13h30min, e vai até as 18h, no auditório da Antiga Sede da Unisinos, no centro de São Leopoldo. A programação completa pode ser conferida em <http://migre.me/SQAo>.

De acordo com a coordenadora do Projeto Observa Sinos, do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, Profa. Dra. Marilene Maia, o grande objetivo do Seminário é, além de lançar o Caderno Ideação, “discutir a agenda mundial das políticas para poder sensibilizar os agentes compromete-

tidos com a garantia dos direitos e políticas sociais para uma ação mais articulada e fortalecida”. Segundo ela, é preciso “garantir que as políticas sociais se construam como mediações estratégicas na afirmação de uma sociedade radicalmente incluyente e sustentável”. Nesse sentido, continua, a agenda do Seminário contempla quatro grandes eixos que, de alguma maneira, garantem a afirmação dessas políticas, fazendo o enfrentamento à lógica ainda clientelista, focalista e excluyente das próprias políticas tradicionais.

# CONFIRA OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA  
WWW.IHU.UNISINOS.BR

# IHU Repórter

## Gerson Brayer

POR CÁSSIO DE ALMEIDA E PATRÍCIA FACHIN | FOTOS ARQUIVO PESSOAL

**F**ormado em Análise de Sistema, Gerson Brayer trabalha na Unisinos, há 20 anos, e participou do avanço tecnológico e da introdução da Internet na universidade. Analista de Sistemas na GSI, ele já participou de vários projetos e diz que, com a experiência, aprendeu “a pensar antes de agir, avaliar todas as possibilidades, trabalhar com afinco no que está engajado e valorizar o que tem”. Na entrevista que segue, Gerson também fala da vida pessoal e do amor e carinho que sente pelas filhas. “São o presente que a vida me deu. Quando todas estão em casa, não consigo caminhar antes de dar um beijo e um abraço nas três”. Confira.

**Origens** - Nasci em Taquara, em 1969, em um sábado de Aleluia. Tenho dois irmãos, sendo que um deles já é falecido, e o outro segue morando em Taquara. Com 17 anos, mudei com meus pais para Novo Hamburgo. Quando concluí o 2º Grau (*atual Ensino Médio*), saí em busca de trabalho. Novo Hamburgo, naquela época, passava por uma crise muito grande, e acabei procurando emprego na Unisinos, em 1989.

**Início da vida profissional** - Eu conhecia algumas pessoas na universidade. Antes disso, minha única experiência profissional era em uma empresa de calçados, na qual trabalhei apenas duas semanas. Logo pensei: “Isso não é para mim. É muito pouco.” Decidi buscar algo melhor. Na Unisinos, comecei a trabalhar nos escritórios de informática. Diariamente, me deslocava de Novo Hamburgo para São Leopoldo. Depois, fui morar com alguns colegas de trabalho em uma pensão em São Leopoldo, até o dia que decidi “alugar meu cantinho”.

**Unisinos** - Com o emprego na Unisinos, comecei a fazer o curso de Análise de Sistemas. Naquele tempo, além

da graduação, também havia um técnico na área de informática. Fiquei praticamente 10 anos no laboratório, até chegar a administrador de redes. Quando a Internet passou a ser descentralizada na Unisinos, foram criadas equipes de administradores de rede e de desenvolvedores para Internet, chamados de “webmasters”, em todos os centros de ensino. A Internet estava ganhando força, era algo muito interessante, e optei pela equipe de webmaster, na qual trabalhei por 4 anos. Depois, todos voltaram para a GSI, onde entrei para a equipe de administração de banco de dados. Ingressei, depois, no projeto Sinergia, na equipe de testes de Software, encarregada de fazer a migração das informações da universidade para o novo ERP People Soft. A gente virava a noite, passava sábados e domingos nesse processo. Em um determinado momento, tinha trabalhado das 8 horas às 8h da manhã do outro dia. A colega que me substituiria não pode comparecer, e eu continuei até as 4 horas da tarde. Falei para o meu chefe: “vou parar antes que eu faça besteira.”

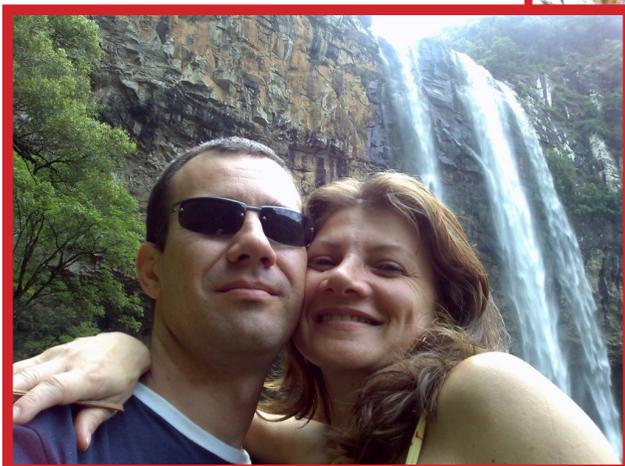
Sempre procurei fazer coisas diferentes. Na época que não havia computadores em toda a universidade, os



laboratoristas auxiliavam nas matrículas, com fichas de papel. Entrei também nos bastidores das formaturas, nas quais faço os cerimoniais hoje. As pessoas não entendem como alguém que trabalha em Tecnologia consegue atuar lá na frente.

**Aprendizado** - Na Unisinos, aprendi muitas coisas. Uma delas é ter paciência. As coisas na universidade acontecem em um ritmo diferente do que vemos no mercado. Convivi com ótimos profissionais, diferentes reitores, pessoas importantes dentro dos processos. Aprendi essa coisa bem jesuíta de pensar antes de agir, avaliar todas as possibilidades, trabalhar com afinco no que está engajado e valorizar o que se tem. Não é em qualquer lugar que se convive com essa estrutura e beleza do câmpus.

**Evolução da Universidade** - Há 20 anos, o computador na universidade era algo muito rudimentar. A Unisinos acompanhou a evolução tecnológica que houve de lá para cá. Hoje temos uma estrutura interessante, com mais de 4.000 computadores. Estamos um pouco defasados em função do momento. A TI da Unisinos já foi refe-



GERSON, COM A ESPOSA  
E, AO LADO, COM A FAMÍLIA.



rência para outras universidades, é diferenciada. Os investimentos foram freados para que a Unisinos continuasse se mantendo. Atualmente, na TI, a gente procura atuar mais na ponta, dando realmente apoio ao ensino. Não queremos ser uma caixa fechada, escondida. Estamos buscando abandonar essa visão que tinham no passado, quando a TI ficava escondida naquele prédio e ninguém sabia o que acontecia lá dentro. Buscamos quebrar esse paradigma.

**Aperfeiçoamento** - Depois da graduação, atuei como professor no Instituto de Informática, nos cursos de extensão, por cerca de dois anos. Fiz um curso especialização dentro da Universidade na área de rede de computadores e aplicação de Internet e, agora, estou concluindo o MBA em Administração de TI. Os cursos da área de TI na universidade são muito bons. Esse MBA que estou fazendo é um dos melhores da região.

**Vida pessoal** - Sou casado e tenho três filhas (10, 7 e 4 anos).

São o presente que a vida me deu. Quando todas estão em casa, não consigo caminhar antes de dar um beijo e um abraço nas três. Letícia, a do meio, é muito doce e sempre diz que queria ser colada em mim. Laura, a mais velha, volta e meia, vem com uma dessas cartinhas que amolece o coração. E Luíza, a mais novinha é uma espoleta. Nos finais de semana é a reunião da família. A gente adora ficar em casa, mas sempre que podemos, vamos visitar os avós, a bisá ou vamos à praia.

**Passatempo** - Todas as quintas-feiras, um grupo de colegas e eu jogamos paddle. Também jogo futebol de salão e adoro dar umas pedaladas no final de semana.

**Religião** - Sou católico de batismo, acredito em Deus, sei que Ele está sempre conosco, mas não sou frequentador da Igreja. Meus pais não tinham essa rotina. Procuro conduzir minhas filhas através da religião, inclusive, a mais velha está fazendo catequese para a Primeira Comunhão. A religião traz questões éticas, histó-

rias e ensinamentos importantes que, no dia-a-dia, não daríamos conta de ensinar. Ir à missa, fazer parte de grupos de jovens é importante para a socialização, para viver outras coisas que não sejam a família e a escola.

**Sonho** - Já realizei boa parte dos meus sonhos, como a compra da minha casa em um bom bairro de São Leopoldo. Sonho em poder dar uma vida sempre mais e mais tranquila para a minha família. Estamos passando por uma situação um pouco complicada, inclusive financeiramente, em função de um problema de saúde que minha esposa tem. Ela precisou fazer algumas cirurgias, e nos endividamos um pouco, mas estamos buscando melhorar sempre. Espero também subir mais um degrau na vida profissional.

**IHU** - O IHU é interessantíssimo, principalmente, por trazer uma grande variedade de temas. Procuro ler as notícias do site sempre que sobra um tempinho e indicá-lo às outras pessoas.

[WWW.IHU.UNISINOS.BR](http://WWW.IHU.UNISINOS.BR)

# Destaques

## XI Simpósio Internacional IHU - O (des)governo biopolítico da vida humana

A obra de Michel Foucault é o fio condutor dos debates sobre biopoder e biopolítica e seus impactos em dimensões sociais, culturais, éticas, legais, econômicas e no mundo do trabalho. As discussões vão de 13 a 16 de setembro, buscando encontrar possibilidades de subverter este poder muitas vezes invisível. Alguns dos grandes conferencistas confirmados para o evento são o Prof. Dr. **Frédéric Gros** (Université Paris), Prof. Dr. **Oswaldo Giacóia** (Unicamp), **Cecília MacDowell Santos** (University of San Francisco), Prof. Dr. **Andrea Fumagalli** (Università degli Studi di Pavia) e Profa. Dra. **Deisy de Lima Freitas Ventura** (USP). Para conferir a programação completa do XI Simpósio Internacional IHU, acesse <http://migre.me/SRkj>. As inscrições continuam abertas em <http://migre.me/SRtG>.

## As religiões do mundo em DVD

Um vasto material didático, que retrata os diferentes costumes e particularidades de religiões espalhadas pelo mundo, está disponível na Unisinos. O documento é fruto da viagem de um ano realizada pelo teólogo suíço-alemão Hans Küng e ajuda a compreender, por meio de vídeos e painéis didáticos, a fé dos diversos povos, para a construção de uma ética comum em busca da paz. Hans Küng passou pelos cinco continentes, acompanhando e gravando as grandes manifestações religiosas e apresentou o resultado dessa imersão no projeto intitulado “Religiões do Mundo”. Os interessados podem solicitar o empréstimo ou a cópia dos materiais para serem utilizados como opção didática no estudo das grandes tradições religiosas. Além dos filmes, foi também produzida uma exposição com banners. O IHU oferece esses materiais no formato de sete DVDs dublados e os arquivos digitais para a impressão dos 15 banners. Mais informações podem ser obtidas pelos telefones 3590-8223 ou pelo e-mail [eticamundial@unisinos.br](mailto:eticamundial@unisinos.br).

## Ciclo de Estudos em EAD: sociedade sustentável

Inicia em 16 de agosto, via Plataforma Moodle, o **Ciclo de Estudos em EAD Sociedade Sustentável**. A ideia é refletir sobre as perspectivas de emergência de uma sociedade sustentável. Através de fundamentos teóricos, o curso vai demonstrar a necessidade de um novo paradigma civilizacional, oferecendo alternativas sustentáveis de organização social e econômica, capazes de contribuir à sustentabilidade do Planeta e da sociedade. Para fazer a sua inscrição, acesse <http://migre.me/SRz6>.

**SIGA O TWITTER DO IHU**

[http://twitter.com/\\_ihu](http://twitter.com/_ihu)

Apoio:

